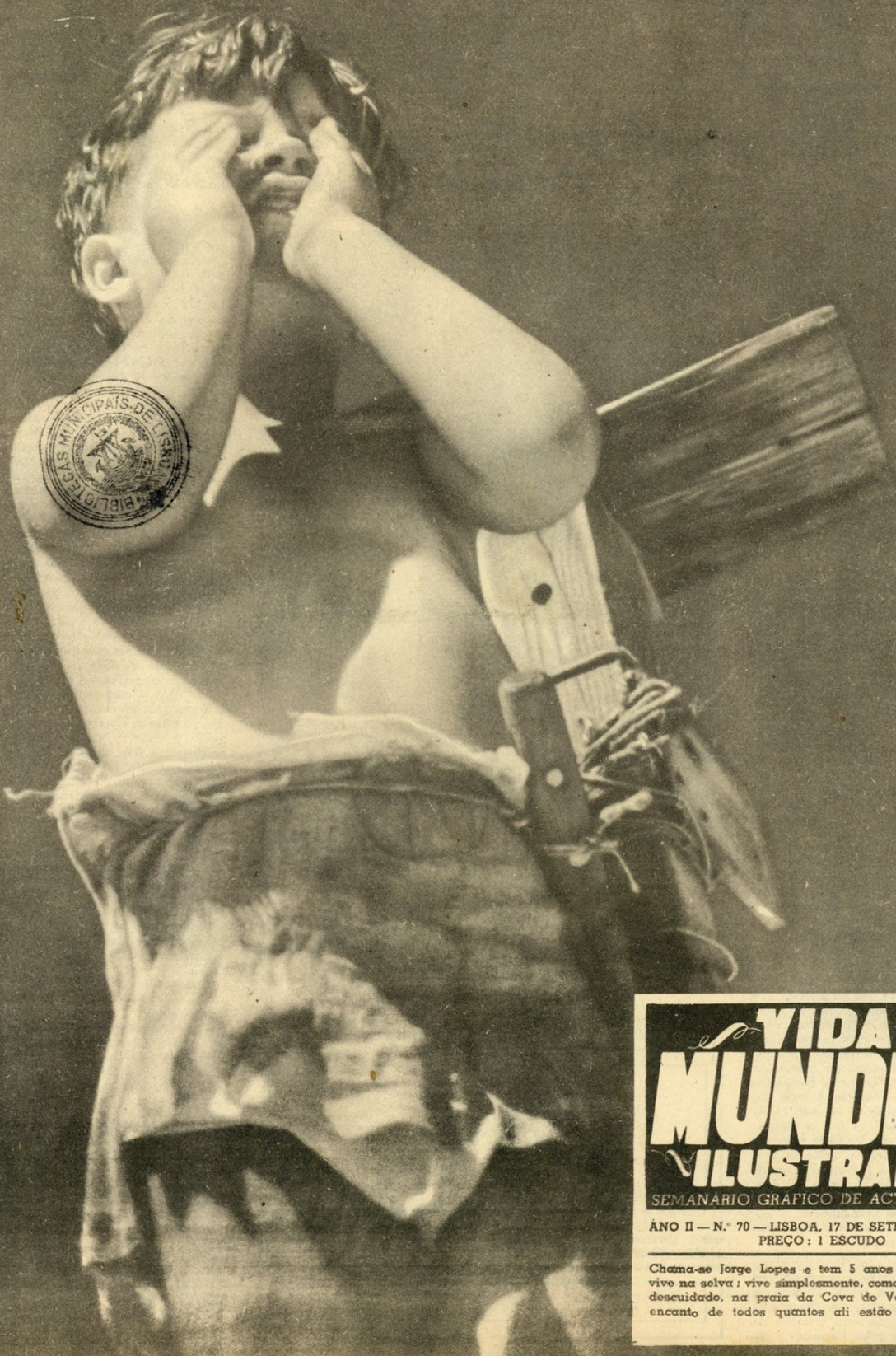


Este **TARZAN** é português!



VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO II — N.º 70 — LISBOA, 17 DE SETEMBRO DE 1942
PREÇO: 1 ESCUDO

Chama-se Jorge Lopes e tem 5 anos de idade. Não vive na selva: vive simplesmente, como qualquer petiz descuidado, na praia da Cova do Vapor, onde é o encanto de todos quantos ali estão veraneando...

(Foto Seródio)

Tragédia Poveira

Um episódio verídico do drama do mar Contado por Fernando Fraçoso

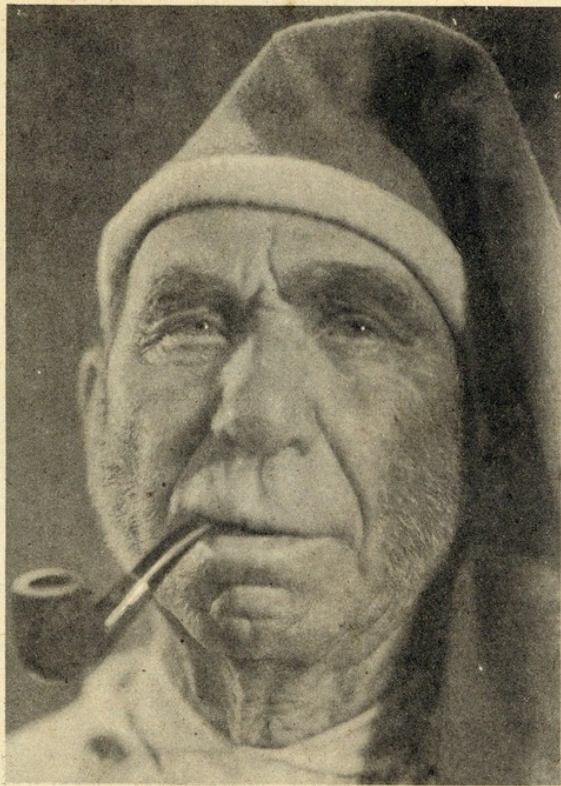
TINHA um pequeno papel no «*Ala-Arriba*». Veio com os outros poveiros — abandonada, por momentos a faina da pesca — para reviver, no estúdio, sob a luz dos projectores, a epopeia ignorada da sua luta pela Vida, nos frageis bateis, que os levam para longe da terra, onde a água e o céu se confundem na grandeza e na imensidão dum horizonte sem fim. Dir-se-ia uma companhia de velhos lobos do Mar, cabeças de raça a desafiar o pincel dos retratistas, caras curtidas e enrugadas — traços rudes e expressões entre bondosas e enérgicas, de quem está habituado a enfrentar o perigo, tendo como único bordão a serena confiança da fé em Deus.

Nunca se haviam apartado do Mar. Embalados, desde meninos pelo marulhar das vagas, sentiam a nostalgia dessa melopeia, que marcava o ritmo da própria vida. Lembravam plantas exóticas, num jardim de aclimação. O estúdio era, para eles, uma grande estufa, onde acabariam por estiolar, se fosse longa a permanência. Os dois barcos poveiros, que o caminho de ferro trouxera até ao Lumiar, simbolizavam o drama desta gente, fora do seu elemento. Na paisagem estranha que os cercava, na terra dura, bem diferente da areia solta, que agora pisavam — os barcos eram para os velhos mareantes os únicos elementos que os identificavam consigo próprios. Gostavam, por isso, de dormir a sesta, dentro das embarcações, em cujo costado o sol abria feridas profundas, que só o mar poderia sarar...



O «Ti» Nicolau era o mais velho do rancho. Ia nos seus oitenta e quatro anos. Mas oitenta e quatro anos rijos, que lhe permitiam ainda embarcar com os mais moços, na falna ingrata de recolher as redes. Tinha uma vida cheia de emoções e de desgostos! Todos os homens da sua família, à excepção do mais novo, haviam perecido no mar. Habitua-se à idéia de que o Oceano seria o seu tumulto. Cada vez que o vento encrespava as águas e o fragil batel era joquete das ondas, dizia consigo, enquanto rezava: «Chegou a hora!» A morte, porém, podia levar os companheiros, os entes queridos, fosse quem fosse! Mas culpava-o sempre!

Há muitos anos fóra dado por perdido. A família «botara dó, por mór dele». Dias depois, aparecia na Póvoa, são e escorreito. Recolhido, no alto mar, por uma traineira de Vigo, andara pelas Espanhas e re-



«Tio» Nicolau, o protagonista desta tragédia poveira...

gressara, por fim, com «recuerdos» para a família inteira.

Quando lhe falaram no filme, aceitou com alvoroço a proposta para vir por aí abaixo, até à cidade. O neto, um rapação de dezoito anos, forte e desempenado, tomaria, com vantagem, o seu lugar na lancha. E foi assim que o «Ti» Nico-

lau, com as suas suíças imponentes, a autoridade duma vida sem mancha, e a sua presença de pescador de raça, veio desempenhar o papel do «homem de respeito», a quem os outros recorriam para ouvir um conselho, a opinião autorizada, a sua palavra inspirada nos mais sinceros princípios de rectidão e de

justiça, que informam a alma dos poveiros...

Um dia, chegou a Lisboa uma notícia má. Os jornais diziam que, ao largo da Póvoa, se dera um desastre. Um barco, que havia saído de madrugada, para regressar no dia seguinte, fóra surpreendido por uma tempestade, no alto mar — tempestade que um Julho amoroso não fazia prever. A colónia poveira do estúdio — agitou-se. Formularam-se hipóteses. A inquietação e o nervosismo começaram a fazer-se sentir, à medida que o tempo corria. Nessa tarde, filmavam-se algumas imagens do naufrágio. Os homens, que tanta vez tinham experimentado, na realidade, emoções semelhantes, sentiam agora, mais do que nunca, a sinceridade do drama brutal que reviviam. O «Ti» Nicolau era de todos o mais pessimista. Temia que a Morte estendesse a sua sombra, sobre alguém que lhe era muito querido. Na roleta da sorte, ele tirara sempre os números agoirentos. E os seus preságios tiveram justificação.

Os jornais do dia seguinte relatavam o caso, nos seus pormenores: O «Senhora da Graça» aparecera abandonado na restinga das Anzeiras! Dera à costa, de quilha para o ar, num simbolismo trágico de pedra de túmulo. Dentro, enleado nas redes, o cadáver dum tripulante, o único que o Mar trouxera à Terra de onde partira. E, a seguir, a lista dos desaparecidos. Cinco dos pescadores tinham cerca de dezoito anos. E entre os nomes dos que o mar tragara, o «Ti» Nicolau encontrou o do seu neto.

O Destino, por vezes, tem destes estranhos caprichos: à mesma hora a que o avô vivia, perante a câmara de filmar, a cena dum naufrágio «fabricado» — o neto, que o substituiria, na companhia, sucumbia num naufrágio real, que ninguém podia prever, e que ninguém preparara...

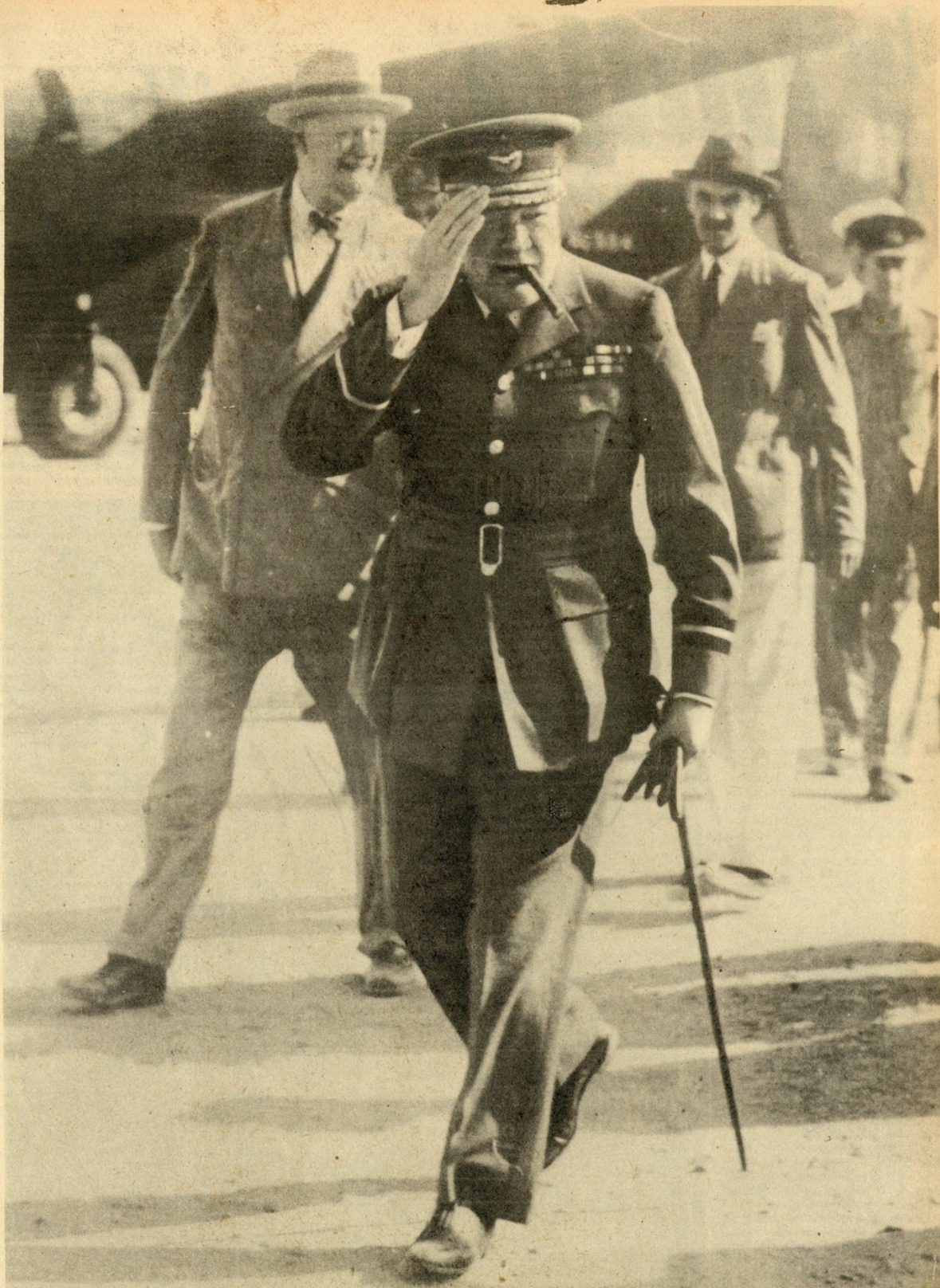
Como chorava o pobresinho! Chorava de dor — porque se fóra o último homem da família, privada, um a um, de quantos poderiam assegurar o seu sustento. Chorava de desespero — porque a ele competia embarcar, e, se não estivesse em Lisboa, teria poupado uma vida, que fazia mais falta do que a dele...

Para lá partiu, dias depois. Parecia ter envelhecido ainda mais. Não se revoltava contra os desígnios de Deus, nem contra a traição do Mar. Desesperava-se de não ter morrido pelo neto — ele que tantas vezes jurara que tudo daria, para o salvar. Uma única esperança o alimentava, no regresso à terra: que o mar devolvesse o corpo do ente querido. Já que o não podia encontrar com vida, que Deus, ao menos, se compadecesse dele, e o deixasse ver, pela última vez, na serenidade da Morte.

Vida MUNDIAL
Illustrada

JOSE CANDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS
— Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertromd (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS:
Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 26942.

— VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —



Ficará certamente histórica, pela projecção que, nos seus resultados, virá a ter no desenvolvimento futuro desta guerra, a visita feita recentemente por Churchill ao Egipto e a Moscovo. Ao despedir-se dos soldados que combatem no deserto, o Primeiro Ministro da Inglaterra afirmou: «O papel das tropas que aqui lutam vai ser de uma importância decisiva na próxima ofensiva das Nações Unidas». Querirá isto significar que será na «frente» egípcia que a Inglaterra fará em breve o seu principal esforço? Esta foto dá-nos um documento gráfico, da chegada de Churchill ao Egipto quando da sua viagem histórica. Churchill veste o uniforme de comodoro da R. A. F. Ou não seja ele, na verdade — o primeiro Soldado da Inglaterra.

(Foto Britanovia)

Na Índia maravilhosa

O festival da deusa do Amor, da beleza ☆ ☆ ☆

☆☆☆ e da vida criada

Um artigo do Comandante *Petres Trancoso*

É raro que a qualquer europeu seja permitido assistir, a dentro da intimidade dum pagode na Índia, às cerimónias rituais de qualquer festival do rito hinduístico. E compreende-se que assim seja, e que

oculta: se procure o que lá se passa, ante olhos profanos, pois sabido é, que factos de fantástica tessitura, onde se engrenam de mãos dadas, as mais das vezes, a Volúpia e a Dor, o Amor e a Morte, se desenrolam a dentro dos muros secretos dos templos indús.

Aguçava-se-me, pois, a curiosidade, para observar de perto o «parab», ou festa de Luckshimini, deusa do Amor, da Beleza e da Vida criadora, e de seu filho Kamá-deu, o Adonis indiano — Eros do Oriente — e que se realizaria naquêlle dia — conforme a cosmogonia indiana — no segundo Vadyá de Svaty e sob o signo tremeluzente da estréla Kartiká...

A carta de recomendação que o meu amigo e categorizado bramane de Pangim, Hirú Camotim, me dera e a presença castiça de Pandu Dessay, meu companheiro de viagem, abriram-me as portas difíceis do mundo indú. Hospedaram-me numa pequena casa, ao lado do templo, onde havia um largo leito esteirado, uma pequena mesa e um «tambió» de latão — espécie de gómil — para as abluções matinais... Pandu foi hospedar-se em casa dum bramane, da sua casta, pois não podia contaminar-se com a vida em comum com o europeu — e poluído e execrado ser humano, que come carne de vaca — animal sacrossanto em tôda a Índia... Foi-me indicado um pequeno poço, no pátio, onde deveria encher o meu «tambió» e derramar a água pela cabeça, à moda local. Não pude deixar de sorrir de mim próprio, ao ver-me já de «langoti», nos rins, a assoprar sob os niagaras, despejados do «tambió»... Enfim, em Roma sê romano, em Sirodah cumpre as leis de Manú!... Logo uma criada apareceu trazendo um cangirão de leite de búfala, um cachito de «figas da horta» — bananas oiro — e um pouco de «launim» — manteiga branca, bufalina, sobre um prato — «protoly» — de folhas de banansira. Cenobítico, apetitoso e localíssimo almoço.

A minha janela dá sobre o anfiteatro do pagode, onde ao centro se ergue o pilar alto, com o grosso ramo fresco do manjeriço sagrado, no topo. É o «tulassy», a que todo o bom adorador de Bhramá presta homenagem três vezes por dia. Basta olhar o «tulassy», para que se fique puro das máculas do

pecado, e quando chega a hora de fechar os olhos e de ir dar contas a Yamá, das topadas que se deram nesta vida, é costume colocar sobre as pápebras cerradas para sempre, um raminho de manjeriço santo, pois que sem êle se não podem enxergar as douradas portas do paraizo...

Agora reparo que no canto do quarto, perto da janela, na sombra, sobre uma prateleira, está um

pequeno Ganez — o deus de cabeça de elefante — o Vividá Kamágreiro da turba indú, filho de Shivá e de Kali — a deusa da morte — o mais animado de todos por ser o deus das aflições e dificuldades... Nunca faltam doces de jaca, bananas frescas e lindas flores no seu altar. Mas não bastava êste, que do outro lado do quarto, noutro altar, lá estava a boa deusa — a Grande Mãe —

Luckshimini — linda no seu rosto rosado, a mitra dourada sobre os fartos cabelos, e emergindo dum lotus de oiro. Nas mãos segura um ramo oloroso de shampaka...

Protecções celestes — verdade seja! — não me faltavam a velar-me o sono, e a mais grata e propiciante certamente era aquela da gracil e formosa deusa do Amor... Talvez ali collocassem aquêles deuses em minha intenção, para



Conservando embora tôdas as suas crenças e as tradições de uma raça várias vezes milenária, as jovens indianas de hoje têm a mais completa compreensão dos altos problemas políticos da nossa época. Aqui as vemos em parada, formando na primeira linha do movimento nacionalista da Índia que luta pela completa independência do seu país.

que êles me iluminassem os pensamentos e me guiassem... Em todo o caso, fôsse com fôsse, era de agradecer a boa intenção...

Mas já passava das três horas da tarde, o sol descia, por detrás das olas dos coqueiros, Pandu não aparecia, e a mim espreguiçava-se-me a alma, para ir por d' fora, ver, observar, à cata do Imprevisto. Resolvi sair só. Fara da porta do quarto, havia duas escadas estreitas. Ao acaso, desci pela da direita — o problema da sorte! — e, sem saber como, encontrimei-me de repente numa cozinha fumarenta, onde estavam alguns indús acocorados, junto de chamas e panelões. Levantou-se uma ceulema, vozeira e todos me imprecavam, ameaçadores, os olhos a fuzilar. Que aconteceria? Fiquei aturdido, atapalhado, sem compreender o meu grande crime... Invoquei o Camotim, chamei o Pandú, quis explicar, mas ninguém se entendia; nem eu os seus berros e gestos agressivos. Lembrei-me ainda vagamente do Ganez — o cabeça de elefante — que — quem sabe? — me arranjaria aquela partida, por o não ter reverenciado como devia, depondo duas bananas no seu altar, como mandam os ritos... Por fim apareceu Pandú, e logo tudo acalmou, explicando-me que eu devia ter descido pela outra escada — a da esquerda — pois segundo a sua religião — eu que perdoasse! — a minha presença impura, ao aproximar-se da comida dêles, estragara tudo, e agora só tinham um remédio: — deltar tudo fora, aos chacais... E gente pobre! — justificou Pandú. Pelo visto, era uma questão de dinheiro, de umas quantas rupias. Paguei, como europeu, impertitivamente, salvando-se assim as leis milenárias e as regras dos sagrados livros... mas, fiquei com a impressão que o divino Ganez, me arranjara aquêl mau passo, em represália...

Sáimos. Fomos dar uma volta, pela aldeia do pagode. Casitas baixas dos «bottos» — sacerdotes rapados e amarelos — dos músicos e tocadores de metais e das «devi-dassy» — escravas dos deuses — bailadeiras — que tôdas as manhãs e tardes cantam e dançam em louvor dos ídolos temerosos. À porta duma casota, paramos. Pandú apresentou-me a uma indú, já grisalha, envelhecida, mas de perfil límpido, restos de antiga e pura formosura. Com espanto meu, respondeu-me em puro português, sem «soutaque» ou discordâncias gramaticais, vulgares nesta gente. Perguntou-me por algumas pessoas de categoria de Portugal, com um grande à vontade e certa linha senhoril... Esclareceu que convivera alguns anos com um titular, que viera à Índia, alcançado em altas governanças de Estado, e dêle houvera uma filha — que se quer? — e chamando para dentro — Sundarem! — que era aquela — e os grandes olhos, negros, emaciados, brilharam-lhe de orgulho.

Sundarem, que se dizer linda; e era-o certamente. Branca mate, duma palidez quente, os olhos ingênuos e risonhos, o nariz leve-mente aquilino, romano, era cheia de beleza e exotismo. Floritas vermelhas — «abulins» — engrinaldavam-lhe a cabecita airosa, e um torçal de oiro abraçava-lhe a testa de orelha a orelha. Mal imaginaria que havia de vir encontrar, perdido, nos oiteiros de Sirondah, um rebento, do velho sangue português, que marcava por direito, nos antigos livros das linhagens — nas costaneiras do reino — como se dizia nos bons tempos...

Fomos andando. Pandú confidenciou-me que havia ali mais casos como aquête. E era verdade. No extremo da aldeia, num risinho e modesto «bungalou», recamado de flores e verduras, entrámos. Saravasty, que fôra outrora a mais bela «calovont», recebeu-nos alegremente. Agora era uma sombra. Trinta anos bem estirados — o que aqui é muito — revelavam-se-lhe no branquear do cabelo, que rareava. Só a galanteria, da mancha amendoada, a escuridade vivo, entre as sobrancelhas — o «pottú» — lhe alumia o rosto cansado, numa nota moça e vivificante. A uma interrogação insistente do meu companheiro declarou: que sim; que conhecia intimamente certo alto personagem, com quem se relacionara em tempos. Era verdade! Tinha então

uns claros quinze anos, ricos de beleza e vivacidades. Tivera um filho — tantos anos se haviam passado já! — e quando o sentira nas entranhas — conforme a lei da casta — fugira para a Índia Inglesa, e lá se deixara ficar, oculta, até que o pai partira para a Europa. Voltara então e o mocinho, que se desenvolvia em força e audácia, fôra entregue ao tempo — pois que ao tempo pertencia por direito ritual — por ser filho de sacerdotiza — a fim de ser educado pelos «bottos». Mal êle sabia — pensei eu — e isso lhe não importava ante os preconceitos de religião — que nas veias lhe corria do melhor sangue do Almanack de Gotha, e que nos altos olimpos da Europa tinha ainda ascendências vivas e actuaes.

— É o melhor tocador de «sa-

rangui» de tôda a nossa Índia — declarou ela com certa vaidade de mãe — todos o apreciam...

«Saranguí» é um suave e melodioso instrumento de corda — espécie de violoncelo — que acompanha os cantos e hinos em louvor dos ídolos.

Recordei-me então vagamente que, em tempos, ouvira contar, que o avô loiro e arminhado fôra um excelente «virtuose» de violoncelo. As cambalhotas grotescas da Sorte, o jôgo carnavalesco do Destino!... A despedida ela dirigiu-se ao altar caseiro da deusa Luckshimini e, tirando duas flores gema de ovo de Nag-Champin, de aromas fortes a jasmim, ofereceu-mas graciosamente:

— Estas são as flores que ama a deusa! Não-de perfumar-lhe o sono... Ofereça-lhas: leve-as!...



O indiano fanático, aquele que luta pela sua independência integral, tem um chefe mais fanático, ainda — o Mahatma Ghandi. A força mística de que êste dispõe arrasta multidões que o veneram. Vemo-lo aqui rodeado por alguns dos seus incondicionais partidários. Mas apesar da influência incontestável de que disfruta, o movimento que acaudilha não é senão um partido de características acentuadamente políticas. Há outro partido bem mais forte do que o seu — e que está em oposição às suas directrizes. É o da Liga Muçulmana, que conta cerca de cem milhões de aderentes.

Já eram quasi cinco horas e eu queria ver o pagode antes da festa. Pandá, que tinha que ir cumprir as abluções purificadoras da tarde, deixou-me entregue ao «suamy», ou «purohita» — grande sacerdote do templo — tendo-me antes avisado em respeitoso segredo:

— É homem santo, sáhib! Sabe todas as epíscas do céu e da terra. Ouça-o!

Para o pagode entra-se por uma galeria de colunas inteiriças, em pedra clara, polida, galeria que contorna quasi todo o edificio. Na frente que olha o grande átrio, onde se desenrolam as festas religiosas, abre-se para o interior uma larga sala forrada a mármore branco. Logo no vestibulo fica o santuário — «adyto» — santo — onde ele me avisou, não podia entrar mas que eu podia observar de fora, a uma certa distância. Deu-me a impressão de uma casa de diamantes, tantas luzes, tantas lucilações, tantas refulgências vinham de lá de dentro, de em torno ao ídolo rígido da Deusa-Mãe, e de Kama-deu — o Cupido do Indu-tão — com seu arco de ouro, e setas floridas, cujas pontas agudas são embebidas em mel... Bramanes chegavam para fazer o «pratnam» — a oração — descalçavam as sandálias, levavam as mãos juntas à frente e depois retinham três vezes, curvando-se, a sineta de bronze, dependurada na porta, para chamar a atenção das potestades invisíveis...

— É a maior deusa e a mais amada na terra — murmurou o «suamy», que agora me guiava. — É a mais poderosa, doce e bendita das mulheres — estas, porque é a deusa da Paixão, da Beleza e da Vida criadora... É Luckshimini, que quer dizer Beleza Suprema...

Duas mulheres ainda novas, nimbadas de flores brancas de «zargó», o «pitambor» ou pano azul escuro de seda cingido ao corpo, saíram do santuário e vieram saúdar o «suamy». Como pararam junto de mim, senti que resuscitavam a sândalo e «ilang», dos óleos com que se ungem e das flores com que se engrinaldam.

Eram ambas tatuadas nos braços, a azul escuro, com uma águia — a ave Garuda — símbolo da pureza forte, pois que ambas são «bavinas» — vestais virgens — que durante quinze anos de renúncia intacta e immaculada, cuidam com as suas mãos puras e honestas das coisas sagradas do tempo e dos ídolos reverenciados.

O «suamy», que era a calma em pessoa, falava pausadamente, musicalmente, a voz mansa, e a sua testa alta, larga e pálida, reflectia intelligência clara e límpida e também paz interna. O seu olhar longínquo, paralelo, revelava bem a visão continua além das coisas, e o hábito da meditação e dele radiava uma estranha e boa simpatia, que atraía agradavelmente. Tinha a testa e o peito lavados de barro, sinal que estava a atingir os últimos degraus da Ciência. Avançamos pela sala. Nas paredes estavam pintados vários quadros, com cenas misteriosas e agressivas de deuses e de monstros, e eu pedi-lhe que me explicasse. Convidou-me a que me sentasse no chão, num almadrake, e ele sentou-se também, o trouco nu, o umbigo — centro do entendimento — a descoberto e as pernas cruzadas orientalmente.

— São os dez avatares ou encarnações sucessivas de Vishnú, na terra. Como vê, está ali também a santa «trimurti» — Bhramá, Vishnú e Sivah. Bhramá é o criador dos mundos, a quem Narayana — o

Grande e Oculto Espírito Inominado — deu o poder de construir o Universo. Tem quatro cabeças — a infinita ciência — e quatro braços com os quatro Vedas — as quatro leis do mundo. Bhramá, nasce da flor do lotus — símbolo da Vida emergindo das águas do Cáo — Vishnú é o deus que conserva as coisas do Cosmos, o Transformador, menino sempre e deitado nas folhas sacras da árvore Vedó. Logo ao lado, Shivá, o deus destruidor que, conduzindo o espírito da Morte pela mão, mata os seres, para que se criem outros novos, mais além ainda montado num touro — símbolo da força cega que destrói — e tem um colar de caveiras e nas orelhas serpentes como enfeite. Vishnú tem encarnado durante as idades passadas nove vezes e encarnará uma ainda na actual — a época do Ferro e do Mal — até à destruição desta raça humana. Encarnou em peixe, em tartaruga, em javali, em leão, em Ramá — pai da raçaariana — em Chriná, no Boudha, e há-de aparecer ainda pela última vez entre chamas, montado num gigantesco cavallo que esmagará o mundo sob as suas patas... Outra raça humana mais perfeita e melhor surgirá então...

— Lentas, é claro — rematei ante a confusão da bicharia celeste.

— Símbolos! — cortou cerce o «suamy». — Depois adoptando: símbolos porque a quasi totalidade dos homens não pode entender a Verdade de outra maneira. Grandes cataclismos, tremendas calamidades, extraordinários acontecimentos, que se deram através dos séculos, atribuídos a forças ignoradas e que se personificaram em homens, em monstros, em animais... Símbolos, porque a Verdade oculta-se sob um véu espesso e intocável... Raríssimos, aquêles a quem foi dada a augusta de erguer a fimbria desse véu sacrosanto. Deus é espírito e luz, e essa luz é a vida dos mundos. Nesta verdade está todo o Grande Segredo. Deus é um sol vivíssimo e invisível que espalha e radia por todo o Cosmos a sua alma lumi-

nosa e criadora, penetrando, atravessando todas as coisas e fazendo-as vibrar, conforme a sua constituição especial, estremece, reagir, sob o seu hálito sagrado. Vibrar, pois, reagir assim é ser, é pensar, é amar, é orar, é viver!

As palavras do «suamy» tornavam-se agudas e suaves, incisivas e macias.

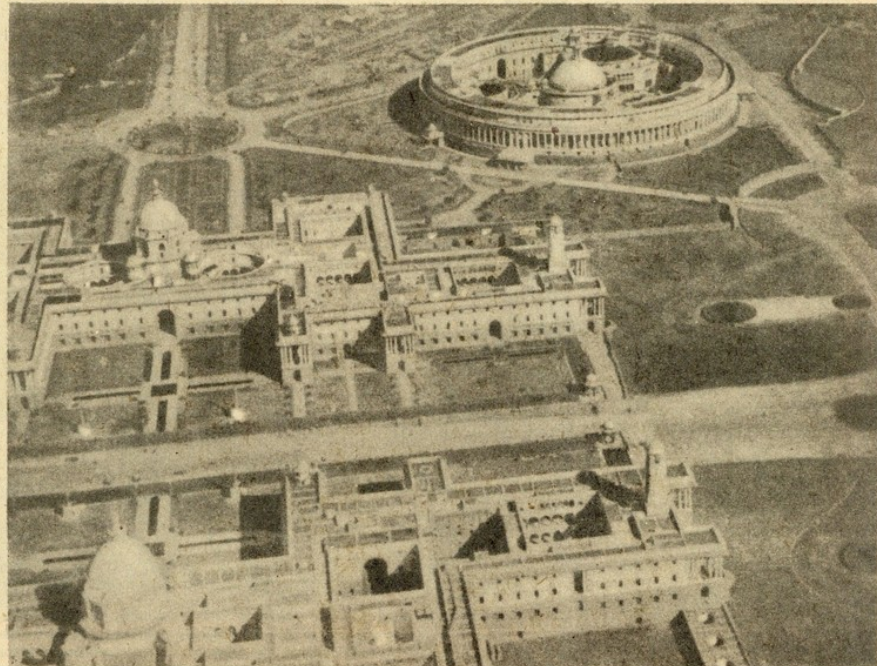
— As míseras palavras humanas — não podem explicar a Vontade Inominada, através das nossas personalidades finitas e limitadas e tentá-lo seria uma impiedade... Esta incompreensão é um alto motivo de adoração... Alguns seres, escolhidos — raros — tiveram nos princípios, há muitos séculos, revelações fugitivas, imprecisas... Legaram-nos o seu saber que está nos livros sagrados e eu vou tentar resumilo no que puder... O Pensamento em Si, continha o plano do Universo. Quando chegou a hora própria, a luz divina, invisível, de que aquela que nos alumia é uma mínima e degedrada parte, radiou, e deu o impulso, a alma, à Substância caótica, informe, inerte, amorfa...

Esta Substância, é aquilo que mais ou menos no Ocidente, chamam Eter ou Energia cósmica... Nasceu, pois, o Movimento e dêle a Matéria Ilusória — «Mayá» — Equilíbrio transitório da Energia Divina, e os Espaços dilataram-se e tornaram-se «evidentes». O Universo, enorme e uno, surgiu da treva silenciosa como por encanto e a maravilha sem par, o milagre da Forma, apareceu, resplandecendo sob as celestiais claridades. Começa então a Matéria a viver e a evolucionar desde o gás incandescente, até à rocha dura, desde o Fogo primordial, até ao nervo sensível, ao cérebro pensante... Mas a Alma do Universo — a Grande Vontade Criadora — não pára e continua trabalhando essa Matéria, através das eras infinitas e as gerações sucessivas das Coisas e dos Sêres, reagem entre si pelo Amor, pelo Ódio, pelo Egoísmo, pela Necessidade, umas contra as outras, nascem, crescem, amam, combatem, sofrem, des-

trem-se e tornam-se alfin poeira da terra, e, dessas cinzas, nascem logo outros seres, outras coisas, outras formas... A Matéria bruta remolda-se, purifica-se, porque o Espírito a trabalha incessantemente, implacavelmente... Mas para quê esta marcha, esta ronda de sombras e lutos, esta ascensão angustiante em que cada degrau é um espantoso cemitério? É que cada geração necessária, é um cadinho onde a argamassa se aperfeiçoa pela Dor, pela Alegria, pela Sensação enfim. O filho é sempre de geração em geração mais perfeito «cósmicamente» que o pai, e assim será sempre através das idades, continuamente... O indivíduo não existe: é uma ilusão, pois que é uma aparência momentânea, a forma fugitiva, transitória, dum único Ser, compreendendo todos os avós perdidos nas trevas do Passado e de todas as descendências que surgirão no Futuro. O Homem é a única realidade no mundo, é o que vale. E em cada degrau de lutas, de sofrimentos, de ansiedades, de Amor ilusório, mas irresistível, produz novos sêres, mais perfeitos que os seus progenitores. Amar é, pois, colaborar no Futuro, na grande obra de aperfeiçoamento da Vida. Ai daquêles que quebrar a cadeia e fôr o último fuzil, por egoísmo, por maldade, por ignorância, porque, assassinando os avós longínquos, não se aproximará mais da Perfeição, e não ascenderá para Ele, que é a Suprema Beleza, a Suprema Verdade, o Supremo Bem!... E então ao fim das idades, depois dos Ingas milenários, no alto dos Tempos, o Cérebro e o Espírito estarão em harmonia, e tudo será Amor, Paz e Ventura. A Matéria grosseira, depurada, arqui-perfeita, lavada sob um jorro continuo de lágrimas, tornar-se-á espiritual e divina... Compreendeu?

O «suamy» ficou calado uns momentos, os olhos semi-cerrados, como envolvido em si próprio. Eu calei — também dentro do meu coração, esperando ainda...

Silenciosamente ele ergueu os



Uma imagem da Índia moderna: em primeiro plano, o palácio do vice-rei; ao fundo, o grande edificio circular do palácio do Parlamento.

braços magros e bronzeados para a amplitude da sala onde os deuses se destacavam nas paredes e rematou:

—Como vê, sahib, os ídolos são símbolos, para a compreensão imperfeita da maioria dos homens. Bhramá é o construtor, delegado do Inominado, Vishnú, o que mantém, conserva e transforma tôdas as aparências, e Shivá o que destrói, mata e reduz a Vida a lama, a estérco, a poeira, com que Bhramá, outra vez, torna a criar novas faces, inesperadas realidades...

Compreendi vagamente: Vida, Amor, Morte: anel fechado.

Mas uma pergunta me saiu da garganta, dolorosa, irresistível:

—E para quê tudo? Para quê a formidável tragédia do Existente?

O «purohita» fixou-me tenazmente, docemente, como se a sua própria alma trespassasse as minhas pupilas. Um leve arpejo de estranha inquietação me apertou o coração...

Depois, palavra a palavra, cindindo, cortando com os dentes as frases:

—Se lhe dissesse tudo, se o iniciasse, transformar-lhe-ia a alma na treva dum abismo, porque não pode compreender, senão depois de uma longa preparação... Dir-lhe-ei, no entretanto, o que fôr possível.

Depois de um curto silêncio, como em recolhimento, continuou:

—O Espírito Inominado e Eterno, à sua túnica inerte e amorfa — mais um símbolo! — deu-lhe a Vida, o Dinamismo e criou a Forma, que nós humanamente chamamos Matéria, e que é uma ilusão, «patível e real», como disse. A Matéria nasceu imperfeita, logo má, grosseira, egoísta, tendo por isso que caminhar através das eras eternas, sob o signo das Amarguras, até se tornar digna e pura para Deus... Assim, pois, o Mal caminha lentamente para o Bem. Ver-se-á então, ao fim do rolar dos séculos — mas só então! — que Espírito e Matéria, não são mais que as duas faces do mesmo Grande Mistério... A Luz Divina, invisível, trespassando tôdas as coisas, anima-as, condu-las, atrai-as até Si, aperfeiçoando-as lentamente... Assim vive também dentro de nós, nas nossas personalidades materiais, cruéis e maldosas, obrigando-nos de geração em geração, como já lho disse há pouco, a tornarmo-nos mais puros e melhores, um pouco mais divinos, mais próximos de Ele... A nossa dor e sofrimentos de hoje, são o preço da nossa divindade de amanhã... O cérebro humano de há cem séculos, não é o cérebro de hoje, e o que existirá em outro tanto tempo, será um prodígio de compreensão e piedade que não podemos sequer suspeitar. Os homens chamam materialmente a este milagre, Progresso, Evolução, escapando-lhes a Causa Invisível, que conduz a sarabanda das Coisas. Essa caravana estupefata e trágica que marcha sob o chicote da Lei, caminhará sempre assim, até ao fim dos fins, descansando ao termo no seio da Perene Felicidade... Como vê claramente, é a Matéria em geral, e em especial, o nosso corpo, o nosso cérebro — instrumento e agente do Oculto — quem progride, muda e evoluciona continuamente... Dizer que o Espírito progride, ascende, se modifica, é outra impiedade. A Grande Alma é Inamovível e Imutável...

Começava a escurecer. O «suamy» calou-se um momento e na sombra eu fixei-o, nítido, cru,



Na Índia fantástica e opulenta dos marajás, há cerca de 50 milhões de indianos que vivem na mais completa miséria, desprezados dos outros indianos, como leprosos... São os «Intocáveis», os párias. Esta foto dá-nos bem uma idéia do que é a vida desses infelizes no seu bairro da capital da Índia.

corante, como se fio de luz, extra-humana, o focasse... As últimas palavras ressoaram em mim, sonoramente abaixadas, surdas, como se viessem dum outro plano da Vida.

—A Luz Divina vive dentro de nós — é a nossa alma — como já lhe disse. Poucos a encontram — verdade seja! — A maioria vive sob o domínio dos Impetos, dos Desejos e das Sensações. Voltarão novamente a um ventre materno e renascerão no Sofrimento e na Desolação, até que se aperfeiçoem e compreendam... Os poucos que conseguem «conhecer-se», que buscaram no próprio coração a Sombra da Verdade, que abraçaram e sentiram em si toda a humanidade, com tôdas as suas ignomínias e virtudes, angústias e alegrias, êsses poucos — e só êsses! — são dignos de não renascer na luz, e de mergulharem e se perderem indefinidamente na Grande Alma, como uma gota de água da chuva, volta, regressa, retorna, se perde e se dissolve de novo, na água grande do mar... Libertarmos nos de nós próprios, é o mais doloroso dos sacrifícios. Arremessarmos fora da nossa personalidade vã, é trabalho de titã. Espesinhar, calcar, a própria Verdade do Ser, que se agarra alucinadamente à taça florida da Vida, e querer ser «eu», e só «eu», dominadoramente, é um dilacerante combate, como não há outro mais terrível na existência. Só o homem que consegue ser universal e que tenha toda a Humanidade e toda a Vida dentro do peito, ascendeu, progrediu, compreendeu, e se tornou um pouco divino...

O «purohita» arquejava de fadiga e fez uma pausa. Eu começava a compreender vagamente êsse pantelismo ideal, e grandioso, que o pensamento indiano criou, tentando esmagar o Egoísmo Universal... Deixar de ser «eu», para ser «tu», para ser «nós», mastigando tôdas as dores e agonias, tôdas as ilusões e ansiedades do que nos rodeia, é faina super-humana... Ser Terra, ser Céu, ser Lágrima, ser Riso, ser Nada talvez, ser Tudo!

Como escurecia mais e mais, grandes borboletas nocturnas, pintalgadas, vinham do mato, batendo as asas, voejando, lentamente como lémmures, sobre as nossas

cabeças, e bandos de pombos negros, como pensamentos de pavor, pousavam com rufamentos de asas e esgueiravam-se nas falhas dos travejamentos. Tocou a sineta longamente, tristemente, no lusco-fusco. Morria o Sol. O «suamy» ia partir mas antes disse-me ainda:

—É preciso compreender profundamente, perfurantemente. Meditar é quebrar, despedaçar, as malhas das Ignorâncias e apalpar o Desconhecido... «Meditar é Saber», mas Saber é preciso descer corajosamente aos abismos estonteantes e negros, de nós próprios. Aí está a Verdade, e então avistaremos o grande sol deslumbrante e único: — o Pai Universal... É preciso, pois, irremissivelmente, virarmos-nos do avesso e cada um de nós radicar também como um pequeno sol... Ter sempre à fimbria da boca, uma palavra suave que seja como um bálsamo e escorra doce sobre as almas alancoadas de angústia; guardar sempre um pouco de frescura nas palmas das mãos, que acalme e refresque as frentes esbrazeadas de ansiedade; rasgar a própria alma em tiras, se preciso fôr, e com elas pensar, dulcificar, as ulceras

ções ascorosas da desgraça humana... Mas para poder apreender tudo o que lhe disse é necessária uma longa iniciação de sacrifícios e renúncias, pois só assim se abriam os olhos do coração, e se alcançará o conforto rígido e tenaz que os homens, sem saber defini-lo, chamam — fé — e nós, aqui, a «certeza dura» do poder e de saber que se pode... Disse-lhe o possível, sahib, que a Grande Alma, o guia e ilumine!... Ergueu-se para ir orar ao santuário, que lascava de lumes. Levou a mão à fronte larga e expressiva e depois pousou-a levemente sobre a minha...

Fiquei só, esmagado, entenebrecido, de tanta metafísica e de tão altos mistérios e ia sair, quando ao lado direito, num recanto, mais escuro, enxerguei um nicho, que uma pequena luz alumiaava, um ídolo. Era medonho: figura negra, com três olhos vermelhos, um colar de caveiras e, nos braços, pulseiras de cabeças decepadas. Os cabelos revoltos, retorcidos, em tranças ondulantes, pareciam serpentes raivosas a formar o saito...

(Conclue no próximo número)



Foi em Bombaim, cidade de 1.600.000 habitantes, que se realizou o Congresso Pan-Indiano que votou o movimento de desobediência civil contra a Inglaterra. Foi nessa cidade bastante populosa que se efectuou a prisão dos «leaders» desse movimento e se registaram as primeiras desordens, prontamente reprimidas. Esta foto mostra-nos a sumptuosa «gare» central dessa cidade, uma das mais importantes da Índia.



Para solenizar, no dia 7 deste mês, a data histórica da Independência ao Brasil, os cônsules e vice-cônsules desse país em Portugal, fizeram, no Pôrto, uma visita ao templo onde, em sarcófago de granito, ao lado do Evangelho, na capela-mor, se encontra guardado o coração de D. Pedro IV. É dessa visita o aspecto gráfico que publicamos.

MENTIRAS

conveccionadas

10

POR ZECO



—Diga ao maroto de seu filho que se eu vou lá—que o racho!

—Vá, atreva-se! Rache-me lá! Olhe que os homens não se medem com palmas!



Emissões em LÍNGUA PORTUGUESA

Horas	Noticiário	Actualidades	Estações	Ondas curtas
11.45	Noticiário		GRU	31.75 m. (9,45 mc/s)
			GRV	24.92 m. (12,04 mc/s)
13.15	Noticiário		GRZ	13.86 m. (21,64 mc/s)
			GRU	31.75 m. (9,45 mc/s)
13.30	Actualidades		GRV	24.92 m. (12,04 mc/s)
			GSB	31.55 m. (9,51 mc/s)
22.00 (*)	Noticiário		GRX	30.96 m. (9,69 mc/s)
			GRT	41.96 m. (7,15 mc/s)
			GSB	31.55 m. (9,51 mc/s)
22.15 (*)	Actualidades		GRT	41.96 m. (7,15 mc/s)

(*) Estas emissões ouvem-se também em ondas médias de 261.1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).



Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Estações	Dias	Ondas curtas
8.15	WDJ	3.ª feira a Domingo	31.02 m (9,67 mc/s)
8.15	WRCA	Todos os dias	39.7 m (7,565 mc/s)
8.15	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11,89 mc/s)
9.30	WRCA	3.ª feira a Sábado	31.02 m (9,67 mc/s)
9.30	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11,89 mc/s)
19.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14,47 mc/s)
20.30	WRCA	Todos os dias	19.8 m (15,15 mc/s)
20.45	WGEA	2.ª feira a Sábado	19.56 m (15,33 mc/s)
22.30	WGEA	Todos os dias	19.56 m (15,33 mc/s)
22.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14,47 mc/s)

OIÇA a VOZ da
AMERICA em MARCHA

panorama internacional

A PRESSÃO DE DECIDIR
por Francisco Velloso

O presidente Roosevelt disse no dia 3 a sua mensagem à juventude de todo o mundo. Winston Churchill proferiu na Câmara dos Comuns no dia 9 as suas declarações sobre os últimos grandes factos da política aliada na guerra. No dia 11, forças armadas inglesas reatam operações para a ocupação de Madagascar. No triângulo que estes três acontecimentos traçam no mundo em guerra, contém-se os mais salientes ao seu registo nestes apontamentos.

APELOS À JUVENTUDE



ROOSEVELT

O grande homem de Estado norte-americano que os historiadores mais autorizados do seu país equiparam a Abraão Lincoln, pois incontestavelmente, e com igual estatura e visão, é comandante da encruzilhada da vida dos Estados Unidos, numa transformação que é bem uma revolução feita por cima — aproveitou o ensejo da reunião do Congresso Internacional dos Estudantes para conclamar os delegados de vinte e nove nações e a juventude de todo o mundo.

«A esperança da nova geração, assim como das gerações vindouras, é a de uma vida nova, que possa ser vivida em liberdade, com justiça e com decência.

«O mundo melhor pelo qual eles lutam, até ao sacrifício da própria vida, não virá apenas pelo facto de termos ganho a guerra.

«Ele será possível somente por uma alta visão; por um plano inteligente e por um trabalho árduo.

«Todos vós, jovens soldados e marinheiros, agricultores, operários das oficinas, artistas e estudantes, que abrem o nosso caminho para a vitória, presentemente, todos vós tereis a vossa parte na tarefa de forjar esse mundo».

Como sempre, a independência e a liberdade enchem de fé a alma da juventude, e só morrem as causas por cuja vitória ela desiste de bater-se.

CHURCHILL DISSE



CHURCHILL

O discurso de Churchill, peça parlamentar de primeira classe, que ao mesmo tempo ilustra a Câmara dos Comuns e as liberdades britânicas, foi, talvez em novo tom, um oportuníssimo resumo da situação actual das Nações Aliadas e o enunciado perfeito e real das perspectivas do seu es-

tado colectivo. Como sempre, o estadista prestigioso que a Providência reservou à Inglaterra numa hora de vida ou de morte, nem se desviou dos erros nem escondeu sob o alqueire das conveniências a luz da verdade.

Churchill começou a falar evocando a gentilíssima figura do Duque de Kent, e já que não o pudemos fazer quando desejávamos, aqui transcrevemos estas palavras do grande orador:

«O maior desejo do duque de Kent era prestar serviços úteis ao Rei e ao país, nestes tempos em que todos nós somos postos à prova. As dificuldades do irmão de Sua Majestade não são facilmente compreendidas por todos.

«O duque de Kent estava sempre pronto a pôr de lado a sua alta categoria e a dispensar todas as cerimónias para correr todos os riscos e desconfortos e, o que ainda era mais violento, a monotonia rotina conscienciosamente desempenhada, para ter a certeza de que contribuía verdadeiramente na luta nacional pela vida e pela honra da Nação».

A Casa Real de Windsor selou efectivamente um novo pacto com o povo inglês. Como vão longe os dramáticos dias da abdicção de Eduardo VIII!

Mas rendida esta homenagem, Churchill, logo de começo mostra como o maior alvo da sua oração era dar conta do significado conjunto e coligado dos actos políticos de maior alcance que no decurso do ano corrente praticou: — as suas visitas a Roosevelt e a Estaline, e visivelmente, satisfazer de modo especial, as ansiedades que esta última provocou pelas circunstâncias, já por nós aludidas, em que ela foi efectuada, circunstâncias que não se originaram senão na força incoercível dos acontecimentos. A viagem a Washington, como se sabe, rematou aos alarmados écos da retirada de Ritchie, depois do golpe cartaginês de Rommel na intitulada «cidade de Acroma», até às fronteiras descobertas do Egipto, e da capitulação de 25 mil homens em Tobruk.

A viagem a Moscovo fez a Churchill quando a questão da Nova Frente, ante outros alarmes na frente russa, haviam incendiado multidões nos países aliados e amigos, e era explorada em contraditórias versões pela propaganda dos seus adversários, quer como uma intimação de Estaline, quer como improvisada à pressa, quer como premeditado efeito político, tal como o «raids» de Dieppe o foi primeiro como imposição do chefe russo, depois como golpe preparado há dez meses. O estadista britânico, alegando e com razão que a história das instituições da Inglaterra demonstra, que «nas ocasiões em que é preciso dizer sim ou não, sem demoras, sobre qualquer questão difícil, tem-se mostrado que o sistema parlamentar se pode adaptar a todas as situações e a arrostar com todas as responsabilidades» — descreveu em seguida os casos mais discutidos, entre as operações de guerra: — o ataque ao comboio marítimo de abastecimento a Malta,

com o justo elogio dos almirantes Syfret, Bourroughs e Lyster que, apesar de pesadas perdas, o levaram ao seu destino àquela ilha «absolutamente essencial para toda a posição estratégica do Médio Oriente»; — o ataque a Dieppe como «preliminar indispensável a operações de maior escala», em relação com os avultados reforços recém-chegados da América, e devolvendo ao Canadá e à Marinha Real as honras do feito; — a situação vantajosa do 8.º exército na defesa do Egipto, depois que Rommel foi repellido no grande assalto por ele lançado durante cinco dias contra El Heimenat, procurando a rutura por onde, desbaratado o bravo Alexander, atingisse Alexandria. As substituições de comandos foram outro ponto demoradamente tratado por Churchill, bem como a remodelação do 10.º exército sob o comando de Wilson.

O FINAL DE UM ENIGMA



MOLOTOV

impressões que oportunamente aqui impresso:

«Passei quatro dias em conferências com o Primeiro Ministro Estaline e com Molotov, demorando de cada vez cinco ou seis horas. Entrávamos em todas as coisas com a maior franqueza e sem reticências. Ao mesmo tempo o chefe do estado maior general Imperial e Wavell que me acompanharam tiveram muitas conferências com os marechais Vorochilov, Chaposhnikov, tratando dos aspectos técnicos. Não podemos dar pormenores dos assuntos tratados e das conclusões a que chegámos. Posso, no entanto dizer que os russos não pensam que tanto nós como os americanos tenhamos feito o bastante até agora para lhes tirar o peso que sobre eles carrega e isto não é absolutamente nada surpreendente em vista do terrível impeto que têm suportado com tantas forças. É difícil fazer compreender aos russos todos os problemas do mar e dos oceanos. Nós e os americanos somos filhos do mar. É difícil explicar completamente todas as características do esforço de guerra dos vários países; mas estou certo de que comunicámos aos seus chefes a confiança, a nossa leal e sincera resolução de ir em

seu auxílio, tão rapidamente quanto possível, sem olhar aos sacrificios que daí provêm, mas que são uma contribuição para a vitória».

E assevera com decisão:

«Eu creio ter feito sentir a Estaline que nós éramos bons camaradas nesta guerra, mas sobre este assunto, as palavras valem menos que as acções».

A despeito do natural calor da verdadeira eloquência, é preciso recordar que a de Winston Churchill tem o predicado de usar só das expressões precisas, medidas e exactas. As palavras dele devem ser, pois, lidas com atenção porque na verdade (tal como as de Hitler em certos momentos das suas jorantes apóstrofes oratórias) elas dizem tudo. Muito mais que o elogio pessoal do seu visitado, as que acima se reproduzem, põem a claro o enigma de Moscovo.

UM QUADRO DE GUERRA



LAVAL

Já nas primícias do inverno outonal, que ao norte da imensa frente se assinala com chuvas e frios, a evolução da batalha do Volga marcou os efeitos destes extraordinários actos políticos. Von Bock durante esta oitava acuciosa os efectivos em estreitos sectores e acbuehou os exércitos em sucessivos impetus à cintura das fortificações de Estalinegrado. A 12 de Setembro atingia os subúrbios exteriores pelo Sul. A luva estava na arena. Nesse dia, no Cáucaso, os alemães e romenos entravam em Novorossisk, a melhor base naval russa do Mar Negro. Os correspondentes de guerra repetiam uma impressão geral do alto comando de Timochenko: — os alemães têm pressa.

No conspecto geral da campanha que abriu nos princípios de Junho (conte o leitor os famosos «tem dias»), a defesa de Estalinegrado, ou melhor a da linha do Volga parece funcionar como a de Voronezh sobre o Don. Assim também, dependente do resultado dela, no sul, a de Grozni, na terrível batalha de Mozdok, para defesa do acesso ao Mar Cáspio.

Mas enquanto estes sucessos se verificam, trazendo sustida as respirações do mundo — *to be or not to be*; enquanto, a seu par, se renova com as grandes vitórias de Chang-Kai-Chek na China Central a ameaçador Cantão e dos americanos na defesa da Nova Guiné e das

(Conclue na página 18)

México país de alegria

visto por um popular artista mexicano

Uma reportagem de José Luiz Ribeiro



Carlos Arruza, em Lisboa, dava tôdas as manhãs um passeio pela Avenida da Liberdade acompanhado pelo seu bandarilheiro de confiança, Ricardo Aguilar.

BANHADO pelos oceanos Atlântico e Pacífico, no centro das Américas, vive um país curioso pela tradição lendária do seu povo, pela evolução que ali se tem operado,

pela beleza tropical das suas paisagens e, mais acentuadamente, pela feição típica dos seus costumes.

O México assenta num território montanhoso e possui extensos vales fertilíssimos duma vegetação invulgar e rica de qualidades. O povo é trabalhador, tem alegria e diverte-se com entusiasmo, com aquele vibrante sintoma de vida bem expresso nas suas danças e cantos, sempre obedientes a um ritmo de extrema alacridade.

Os cavaleiros portugueses no México

E a propósito das características do povo mexicano, não olvidamos algumas frases da entrevista que nos concedera o cavaleiro português António Luiz Lopes quando do seu regresso daquele país, e nas quais salientara a satisfação de privar com naturais duma terra onde encontrou o instinto da delicadeza a par duma semelhança com os nossos costumes.

O traje charro lembra alguma coisa, o do povo do nosso Ribatejo, que tem no cavalo o inseparável companheiro de trabalho. Exceptuando, é claro, o chapéu de largas abas e copa de bico. E para vincar certa analogia, observara: — Calcula que, até as mulheres usam uns lenços parecidos com os da nossa Alcaobaça!

O cavaleiro ribatejano esteve ali em 1938 e foi muito acarinhado não só pelo público, como por altas individualidades e pelas melhores famílias da capital.

Também Simão da Veiga, filho, em 1938 e 1939, nas duas temporadas em que no México trabalhou com grande sucesso, gozou duma afectuosidade enorme por parte de toda a gente, a ponto das estrélas do cinema mexicano, das mais formosas — se elas não deviam ser tôdas lindas!... — lhe oferecerem uma medalha, e o general Maximino Ávila Camacho o presentear com uma espada do melhor aço, tendo gravada na lâmina, esta legenda: «*Lucharé si mi dueño lo reclama, por su Dios, por su honor y por su dama.*»

Carlos Arruza nas arenas portuguesas

A presença, em Lisboa, do jovem e excelente toireiro Carlos Arruza, que com a actual temporada, é a terceira em que os primeiros da sua arte tão honrosos aplausos mereceram, proporcionou-nos, poucos dias antes da sua partida, uns momentos de sugestiva conversa.

Arruza é um rapaz educado, tendo feito, na sua pátria, os estudos preparatórios, e na altura de escolher um curso superior, preferiu a profissão de toireiro, dominado pelos impulsos do «micróbio» — o termo é dele — da aficção já integrado na sua alma há muito tempo, sendo um dos dias mais felizes da sua existência, o da alternativa conferida na monumental praça da cidade federal, em que teve por padrinho o célebre Fermin Espinosa, «Armi-

lita», e por testemunha Paco Gorraez, ambos da grande admiração dos portugueses.

A Virgem de Guadalupe

Simpático e correcto, Arruza falou como um livro aberto e o seu semblante denunciou a íntima satisfação sugerida pelos nossos desejos de sabermos como o povo do seu país se diverte. E aflorou ao seu espirito o prazer de divagar sobre as várias expansões festivas da gente da sua terra querida.

As festas máximas de carácter religioso, realizam-se em 15 de Dezembro, comemorando a aparição, no cerro de Guadalupe, da sagrada effigie da mãe do Criador, quando um pobre camponês, Juan Diego, se entregava à árdua tarefa quotidiana. A imagem da Virgem surgiu estampada na manta policroma dum tipo secular ali denominada *ayate*, e logo o caso despertou um considerável fervor religioso.

A importância espiritual da comemoração, atrai ao santuário de Guadalupe — um monumento de magestática arquitectura — um número incensurável de peregrinações vindas de todo o continente americano, e a série de milagres operados mais está avultando a veneração fervorosa do povo pela *virgen morena*, como lhe chama no seu dizer humilde e crente.

Este assunto deu ocasião a que Arruza, abrindo o peitilho da camisa, nos mostrasse a medalha de Nossa Senhora de Guadalupe, que nunca o abandona.

Outras festividades de grande relevo são as da Paixão de Cristo e

dos santos *patronos* de cidades, vilas e aldeias, e algumas estão agregadas a feiras, como as famosas de Aguas Calientes, Leon, Irapuato, etc., com palpitante e ruidoso programa de que constam exposições de gado, corridas de toiros e de cavalos, jogos de variada natureza, bailes de dia e de noite, etc.

O grito da independência

A expressão mais vigorosa de patriotismo nas festas mexicanas, sobressai nos dias 15 e 16 de Setembro de cada ano, em que se celebra, em todo o país, a independência que trouxe um viver novo para aquela nação de além-Atlântico e que saiu do gesto heróico do padre Hidalgo, que na noite de 15 de Setembro de 1810, proferiu o célebre grito de Dolores — o nome da freguesia de que ele era prior.

Actualmente, na mesma noite e à mesma hora de cada ano, dão o grito simbólico, o Presidente da República, os governadores dos Estados e os alcaides, e depois começam as festas que duram dois dias. Têm elas carácter oficial e popular, havendo recepções nos palácios dos governos federal e dos Estados, paradas militares, récitas e corridas de toiros, de gala, ficando memoráveis as festas realizadas quando era presidente Porfirio Diaz, em que colaboraram delegações militares duma grande parte das nações do mundo.

Quer nas cidades ou simples *pueblos*, as ruas permanecem engalanadas nesses dias, havendo festa rija, e tanto pobres como ricos diligentiam apresentar-se vestidos de charros. A alegria popular sobe ao



Pela tarde, Arruza e Aguilar voltaram a conversar, sentados nas esplanadas, recordando talvez o seu México distante...

auge e até, como é hábito, a policia restringe um pouco a sua acção. E assim, com alguma tolerância das autoridades, o povo expande a sua alegria.

Os costumes típicos

Os divertimentos castiços mexicanos possuem um vínculo apreciável no *jarape* que sempre figura nas festas regionais, e consiste em laçar cavalos cerris ou toiros, após vários e difíceis floreios com a corda. Há também o *coledero*, no qual, à mão, se consegue derribar as rezes. Em tôdas estas faenas muito características, os charros fazem alarde da sua destreza em matéria hípica, e eis nisto uma razão porque os dois cavaleiros portugueses que foram ao México, alcançaram assinalado êxito. O público entendeu-os.

A música, o canto e a dança são típicas facetas do folclore mexicano divulgado em todo o universo, muito especialmente pelos seus artistas. Os *maritachis* são músicos que utilizam violas e outros instrumentos de corda, de originaes feitos, que acompanham o baile *jarabe tapatio* com o seu estrepitante sapateado.

O agitar da manta listrada de várias cores — *el sarape de Saltillo* — dá ao acto um colorido interessante, que em tantos casos é rematado pelo *pisotéo* delicado das mulheres sobre as abas dos chapéus charros dos eleitos do seu coração.

Recorda-se Esperanza Iris

O teatro, que retrata aspectos da vida e que é sintoma de progresso e de civilização, tem no México talentosos cultores, dos quais se destacam Virginia Fabregas, Esperanza Iris — já retirada — Sara Garcia, Maria Montoya, Fernando Soler, Arturo de Córdova e outros. No género popular, o que leva a palma, é Cantinflas, um cómico de graça irresistível.

Achamos oportuno recordar Esperanza Iris, pequenina, engraçada e desenvolta, que à frente duma companhia de opereta fez uma sensacional época em Lisboa, no antigo teatro da República — hoje S. Luiz — depois de percorrer a Espanha e o sul da França, trazendo no repertório peças vienenses em voça, zarzuelas e operetas espanholas.

Lembra-nos dum almoço que lhe foi oferecido, em que tomaram parte artistas, autores, jornalistas e admiradores, no restaurante Garrett, que existiu no Largo das Duas Igrejas, ágaque decorreu muito animadamente, tendo o falecido maestro compositor Alves Coelho improvisado um bonito fado, que Esperanza, na sua festa artistica, cantou com versos de Alvaro Lima, e depois foi editado por Valentim de Carvalho, todos velhos amigos nossos.

E não é de esquecer a graciosidade e a galanteria com que a actriz mexicana cantava:

*Tão longe do meu país,
Pátria minha sem igual,
Foi o destino que quis
Que viesse a Portugal.*

Enfim, tempos que já lá vão! Virginia Fabregas e Esperanza Iris são actualmente proprietárias de dois teatros que têm o seu nome, e dos mais categorizados da capital mexicana.

Superiores são apenas: Nacional e Belas Artes, sendo o segundo revestido de mármore de Carrara e dotado dum pano de boca, em cristal, em que estão reproduzidos, por um grande pintor, os vulcões Popocatepetl e Ixtaximatl.

O cinema

A sétima arte está bastante adian-

tada no México, e tão progressivamente que algumas super-produções têm saído dos seus estúdios: *Conde de Monte Cristo* e *Quando los hijos se van* são duas delas.

Agora estão filmando *Dama de las Camélias* e *Lo que solo el hombre puede sufrir*.

A música mexicana, ora alegre e vibrante, ora sentimental e melodiosa, tem larga participação nas películas *Allá en el Rancho Grande*, *Ay Jalisco no te rajés* e em muitas outras, com as quais o público muito se diverte e que certamente ainda há-de passar nos nossos *écrans*.

Artistas nacionais têm o seu prestigioso nome ligado à arte cinematográfica, como por exemplo, além dos já citados quando nos referimos ao teatro, Lupe Velez, Dolores del Rio, Ramon Navarro e também José Mojica, que após a morte da mãe recolheu a um convento.

O espectáculo taurino

Chegámos à última parte da conversação com Carlos Arruza.

O base-ball, o foot-ball, o polo e o rugby, são desportos que no México têm milhares e milhares de adeptos.

A respeito das corridas de toiros no país de que nos estamos ocupando, já havíamos tido conhecimento da sua história por intermédio duma interessante obra *Los toros en Mexico, en el siglo XIX — Retrospectivo de exploracion y aventura*, que o seu autor, Armando de Maria y Campos, teve a gentileza de nos enviar. Este escritor é o mesmo que publicara *Gaona, el grande e Don Valor Frag*.

O compacto trabalho profunda os festejos taurinos realizados naquele país, de 1810 a 1863, e o aludido autor, baseando-se na filosofia da sentença «O sentimento do passado é a poesia do presente», estuda num precioso estilo o colorido e a importância das festas de outrora que formaram as raizes das actuais. E referindo-se aos bons aficionados de *hueso colorado*, o valioso livro termina pela transcrição duma longa resenha taurina feita pela Imperador Maximiliano — um facto de retumbante sensação.

Ultimamente foi Carlos Arruza que nos forneceu novos elementos, asseverando-nos:

— A diversão mais penetrante nos hábitos do povo da minha terra, é



A primeira dama do México em Lisboa, a distinta ministra, senhora Alvarez del Castillo, vestida com um dos típicos trajes daquele país.

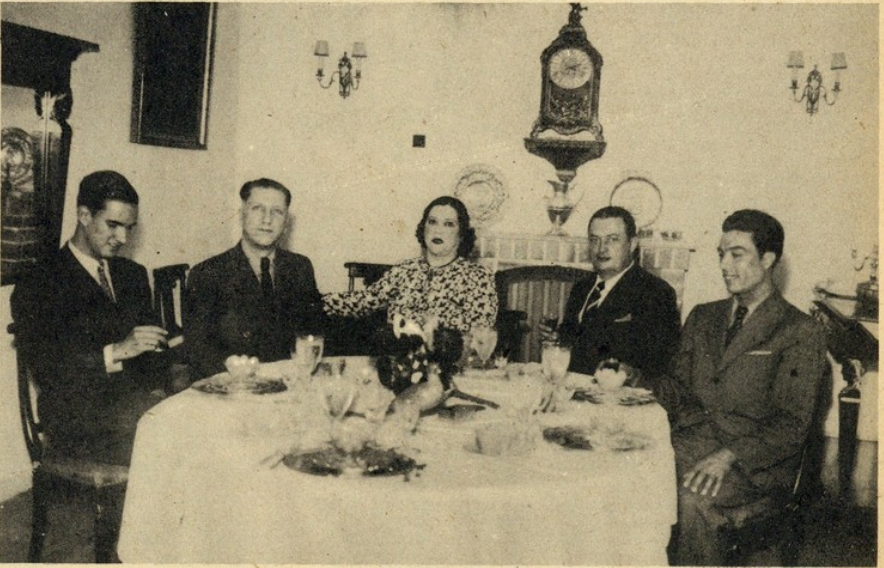
o espectáculo taurino, e, segundo a estatística publicada no jornal *El hoy*, os vinte e cinco milhões de habitantes do México, é naquele divertimento tradicional que preferem gastar os seus «pesos».

Existem ali grandes praças de toiros. A da capital comporta cerca de 28.000 pessoas, e onde se realizam corridas todo o ano. Em Mérida há duas, possuindo uma o telhado de vidro, que evita o efeito da chuva e do vento, não havendo, portanto, necessidade dos cartazes anunciarem que as corridas se realizam *si el tempo no lo impide*. A

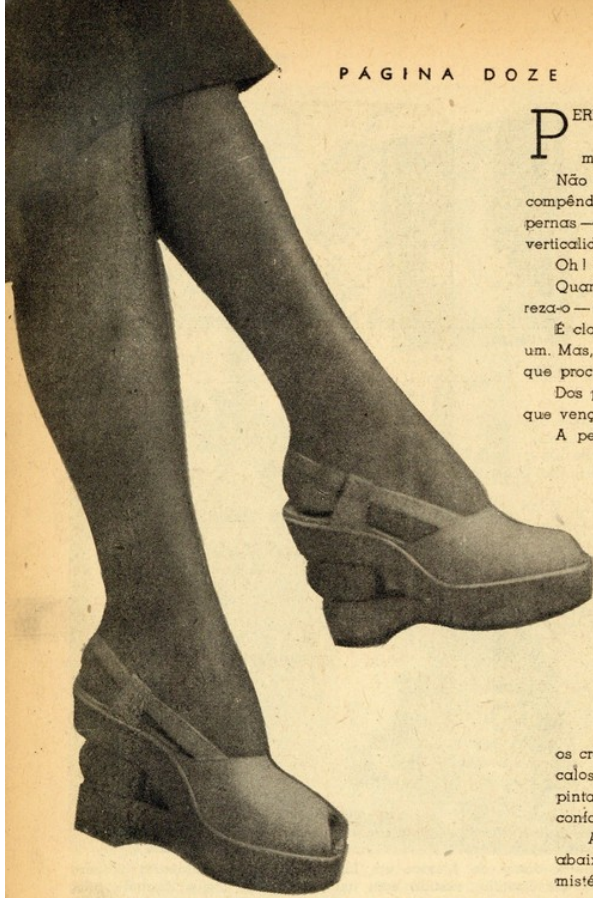
dita praça tem 7.000 lugares e a outra, 12.000.

As praças construídas nas cidades fronteiriças Tijuana — a duas horas de Hollywood — Ciudad Juarez, Nogales, Reinos, Piedras Negras, Aredo, Mata Moros, possuem a grande frequência dos americanos dos Estados Unidos.

Estas praças ficam afastadas das principais ganadarias, algumas centenas de quilómetros, e os toiros são conduzidos em camiões especiais que dispõem de largos compartimentos. Uns verdadeiros *pullmanes!*...



Na legação do México, em Lisboa, o ilustre ministro desse país, sr. Alvarez del Castillo, durante um almoço de despedida que ofereceu aos dois artistas mexicanos.



PERNAS! Pernas e mais pernas!...
Pernas com meias, pernas sem meias — pernas de mulher, sempre pernas de mulher, está claro...

Não encerram elas, na filosofia da sua linguagem, um compêndio de elegância, um compêndio de amor, um compêndio de trabalho, de alegria e de tortura? Se não tivesse pernas — o que seria da pobre humanidade? Não perderia — ainda mais! — o aprumo, a verticalidade, que é o motivo de orgulho da espécie humana?

Oh! as pernas da mulher!...

Quantos homens perderam a cabeça, por umas pernas bem feitas? A História reza-o — e nós não vamos lembrá-lo...

É claro que a beleza de um par de pernas depende da concepção estética de cada um. Mas, não há dúvida, que essa base, essa coluna humana, é o primeiro andar dos olhos que procuram um esteio de beleza...

Dos pés à cabeça. Mira-se. Remira-se. Mas se começa mal — já não há boa vontade que vença o descrédito de umas pernas feias, ao chegar a um rosto bonito.

A perna da mulher gozou, pois, desde sempre, de um culto à margem dos cultos.

Quando andava tapada, o homem daria a vida por vislumbrar um tornozelo. Depois, quando o vestido subiu, era a curva da barriga — da perna, já se vê — que ele procurava com os olhos, no subir de uma escada, no descer de um eléctrico... Depois, ainda, quando viu a curva da barriga, desejou ver o joelho — e Eva século XX subiu mais um bocadinho a bainha do vestido. Por fim, para que não se perdesse a etimologia da saia nem a clássica concepção de «vestido», deixou de cortar a parte inferior da «ensemble» e tirou as meias.

Abaixo as meias!

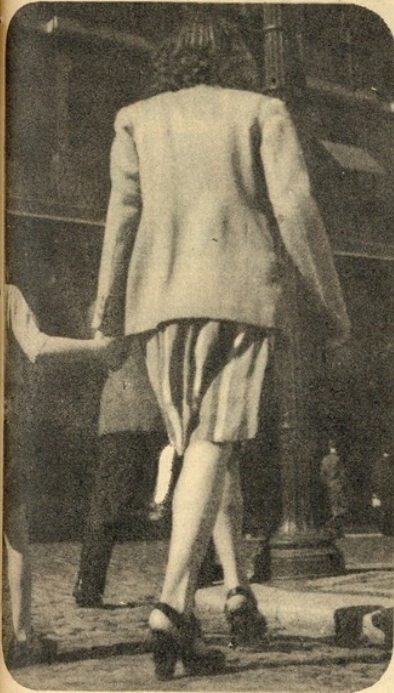
E elas que já tinham um trabalho a arranjar as meias — passaram a ter dois trabalhos para arranjar também os pés — e as pernas. Vieram os depilatórios para as que tinham dinheiro para os comprar; a «pedra pomes», para as menos afortunadas;

os cremes, a glicerina. Raparam-se os calcanhares, as peles grossas, arrancaram-se os calos, endireitaram-se as unhas e os dedos, entrou em função o verniz «espelho»... Agora, pintam com «rouge» os calcanhares — e tudo fazem para dar às pernas e aos pés uma conformação que a meia, não há dúvida, lhe tirou...

Abaixo as meias? Para as mulheres — talvez. Para os homens — é apenas: meias abaixo... Eles preferem a verdade sob o véu diáfano de uma meia muito fina... Tem mistério: parece o que não é — embora gostem de ver... Estão a olhar estas pernas cruzadas, bem descalças, com uns pés bem calçados que sabem pisar asfalto?...

...tôdas lançaram o grito de revolta: «abaixo as meias!...» Marcham marciais, iguazinhas umas às outras na descompostura, diferentes de tôdas no pormenor do «feio»... Para o chá, para o baile, para a visita, para as compras, para o desporto, para o trabalho, para as horas de alegria e de tristeza, para de manhã, para de tarde, para de noite, com chapéu ou em cabelo — a mulher despiu as pernas com a mesma simplicidade com que despiu o rosto e os braços. Economia? — de saliva, para apanhar a malha que esteirou quando subia o carro... Bizarria...





E estas? Músculos, nervos, desporto... Se não fosse o lançar do pé esquerdo...



...ou estas: finas, imponderáveis, picatinhas de poros muito abertos pelo favor dos cremes que amaciam a pele...



...mais estas que acertam nos calcanhares com a sola do sapato, fusiformes, como um rachalote ou uma toninha...

Abaixo as Meias!



...para não falar destas, como pilares de ponte romana — reminiscências de matronas? — a dançar na bocarra aberta do des-cen-tra-for-te e assentes sobre pranchas de cortiça...



...tal qual «barriga de pescada» assoprada e com pêlos de macaco...



...assentes nuns pés que enfiam nuns sapatos do tamanho das botas dos recrutas...

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo IV A rivalidade de alemães e russos

1

UMA FASE NOVA QUE SE PREPARA



QUANDO, em 22 de Junho de 1941, os exércitos alemães invadiram a Rússia, iniciou-se uma fase nova e decisiva da guerra actual. O período que decorreu entre a eclosão das hostilidades e a invasão da Rússia, é recheado de acontecimentos de incontestável significado, os quais deixam prever claramente que,

mais cedo ou mais tarde, e certamente mais cedo do que mais tarde, a velha rivalidade entre russos e alemães, a competição tradicional entre o germanismo e o eslavismo voltaria a afirmar-se como um factor de capital importância na história desta guerra e do mundo.

Por isso parece legítimo afirmar que durante esse período que abrange os quatro últimos meses de 1939, o ano de 1940 e o primeiro semestre de 1941, há dois elementos de primeira grandeza que, estacionando paralelamente com a luta militar na Europa, haviam de modelar as suas novas fases. Esses elementos são constituídos pelas alternativas de que se revestiu o sistema de relações entre a U. R. S. S. e o Reich, por um lado, e, por outro, o intervencionismo crescente dos Estados Unidos da América do Norte e as reacções nipónicas que esse intervencionismo provocou. Sem o seu estudo e sem a sua compreensão, será difícil avulvar, na justa medida, as proporções exactas da conflagração mundial em que finalmente degenerou a batalha continental que na Europa se iniciou pela entrada das tropas alemãs em território polaco.

A luz desta interpretação, que os acontecimentos dos últimos tempos exuberantemente confirmaram, é do maior interesse conhecer o que se passou entre as chancelarias de Berlim e de Moscovo durante esse período de quasi dois anos. Nem tudo está revelado ou oficialmente documentado. Mas o que se sabe, e não sofre contestação nem oferece matéria para dúvidas, basta para documentar a afirmação de que, quaisquer que fossem as aparências, o choque entre russos e alemães se tornaria inevitável desde a hora em que uns e outros chegaram a acôrdo para realizar uma política comum em relação à Polónia e às nações occidentais que à Polónia estavam ligadas por compromissos formais: a Grã-Bretanha e a França. Quere isto dizer que o acôrdo então celebrado era uma construção artificial que não suportou a prova das realidades e acabou por ser rasgado para se lhe seguir a luta aberta entre os interessados.

AS RAZÕES DO «MEIN KAMPF»

Nas páginas do «Mein Kampf» estavam inscritas as razões que tornavam inevitável o conflito. Em matéria de política interna, o regime que o chanceler Hitler simbolizava e interpretava fizera da luta anti-comunista a base da sua acção e do seu triunfo. Em matéria de po-

lítica externa, o livro onde estão compendiados os princípios fundamentais da doutrina nacional-socialista, proclamava que a marcha para leste, ressuscitando a tendência tradicional do germanismo, era o único caminho aberto à satisfação das aspirações nacionais da Alemanha dos nossos dias.

Estas premissas, claramente definidas e vigorosamente afirmadas, só podiam conduzir a uma conclusão. Por isso, quando essa conclusão chegou podiam admirar-se com ela apenas as pessoas que não tivessem seguido, mesmo com uma atenção moderada, os episódios em que a rivalidade germano-russa se patenteava ou aparecia envolta no manto das conveniências recíprocas ou nas dobras do formulário diplomático.

Mas nenhum destes artifícios iludia as realidades que se projectavam na fronteira comum dos dois países.

Além das razões ideológicas e das razões políticas, que eram definitivas, havia ainda as razões militares. A resistência dum Rússia fortemente armada era sempre a possibilidade da guerra em duas frentes, o pesadêlo do chanceler Bismarck, e o pesadêlo dos seus herdeiros e sucessores, elucidados pela lição dramática da conflagração de 1914-18. Essas razões militares aparecem resumidas ainda nas páginas do «Mein Kampf»: «Nós nunca permitiremos a criação na Europa continental de duas fortes potências militares. Qualquer tentativa para criar, junto às nossas fronteiras, um poder militar bastante forte para nos poder ameaçar cria um conjunto de condições novas que é preciso encerrar. A criação ou a existência desse poder militar dá à Alemanha o direito e confere-lhe, simultaneamente, a obrigação de, por todos os meios, incluindo os meios militares, evitar que ela produza os seus efeitos e, quando isso não for possível, de o esmagar».

A assinatura do pacto germano-russo de 23 de Agosto de 1939, passado o primeiro momento de estupefacção, criou, por toda a parte, o sentimento, depois fortemente generalizado, de que se tratava dum arranjo provisório que seria denunciado logo que as circunstâncias o indicassem.

DO OUTRO LADO DO ATLÂNTICO

A evolução americana não deixou de se reflectir também na política continental e na orientação do Reich. Os Estados Unidos, e com elles a perspectiva de serem seguidos pela totalidade do continente americano, preparavam-se para se tornar a rectaguarda da Grã-Bretanha, fornecendo-lhes as armas de que este país precisava para ganhar a contenda. «Dai-nos as ferramentas de que precisamos», afirmava o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha, e nós sabemos acabar o trabalho». Correspondendo a este apêlo, o presidente Roosevelt declarava, do outro lado do Atlântico, que os Estados Unidos seriam o arsenal das democracias. Depois da derrota da França esta expressão só podia entender-se como a promessa de um auxilio material ilimitado a fornecer à Inglaterra para que esta pudesse vencer as potências do «eixo».

O crescendo do auxilio americano e, sobretudo, as promessas que êle comportava, tinha

repercussões imediatas na condução do bloqueio e nos seus resultados. O acesso dos mares era, definitivamente, vedado ao Reich e aos seus aliados, que ficariam confinados nos mares interiores, que não bastavam para satisfazer as suas necessidades económicas e militares.

A satisfação dessas necessidades tinha assim que se reduzir ao limite dos recursos continentais. E, uma vez nesse caminho, o Reich era levado à conclusão inevitável de que só a posse das fontes naturais do leste europeu e da Ucrânia lhe permitiria continuar, com probabilidades claras de êxito final, uma luta em que a superioridade da sua preparação militar desempenhava, até ali, o principal papel.

A guerra relâmpago, pela resistência britânica e pela colaboração dos Estados Unidos, transformou-se definitivamente na guerra total em que os recursos dos beligerantes tendiam a assumir, pouco a pouco, a função decisiva. Nessas condições, o Reich precisava utilizar a margem de superioridade militar que lhe restava para adquirir os meios que lhe permitissem continuar a luta. Esses meios eram, principalmente, os cereais e os carburantes, o trigo da Ucrânia e o petróleo do Cáucaso. Riquezas imensas a que o chanceler Hitler se referia abertamente no seu livro e que as circunstâncias e as exigências da guerra tinham tornado absolutamente necessários.

Se a Grã-Bretanha tivesse sido dominada em consequência da intensa ofensiva aérea de que foi objecto no segundo semestre de 1940, é natural que a guerra tivesse tomado um outro caminho. Desde que o não foi, compreende-se claramente que a máquina militar do Reich não podia arriscar-se a lançar todo o seu peso para occidente, enquanto junto da sua fronteira neutral estivesse, com a arma carregada, um adversário poderoso e bem apetrechado. Conheciam as autoridades responsáveis pelos destinos da Alemanha, com exactidão, qual era o verdadeiro potencial militar da U. R. S. S.? E possível, é mesmo natural que não conhecessem, a esse respeito, pormenores que os esclarecessem completamente. Mas não há dúvida de que elas possuíam uma noção perfeita e exacta da existência dum poderoso exército soviético, bem adestrado, bem armado, bem equipado, o qual constituía para a segurança da nação alemã um perigo inevitável. Talvez essas autoridades não conhecessem, em todos os seus detalhes, a verdadeira extensão da indústria de guerra soviética nem a localização exacta de todas as suas fábricas. Mas sabiam que era gigantesco o esforço de preparação militar realizado pelos chefes soviéticos que tinham conseguido transformar radicalmente a economia tradicional da nação russa.

A Alemanha, consagrara, porém, um género de guerra em que o valor e a experiência das formações de especializados dominavam, de longe, todos os outros factores militares, incluindo mesmo a potência industrial dos exércitos em luta.

As campanhas da Polónia, da Noruega, da França e dos Balcãs tinham sido ganhas rapidamente por «equipas» excepcionais de aviadores, de paraquedistas, de pontoneiros, de tripulantes de carros e de agentes de propaganda. Pode dizer-se que só depois da vitória

as armas tradicionais tinham aparecido, mais para consagrar a ocupação do que para realisar a conquista. Essas «equipas», valorizadas por uma experiência que se traduzia por um domínio completo sobre a maior parte do continente europeu, continuavam prontas para a acção. Estavam os soviéticos em condições de lhes fazer frente, com os seus especializados, e estavam estes em condições de utilizar eficazmente o material moderno e poderoso que saía, em caudal, das suas fábricas?

A U. R. S. S. E A EUROPA

A política de Munich afastara a U. R. S. S. dos negócios europeus. Completando a evolução dum processo que dividira profundamente a opinião pública em França e na Grã-Bretanha, liquidava a política de segurança colectiva e deixava, em todo o mundo, um rasto de desconfiança e de amargura. A orientação apaziguadora que, em determinado momento, parecia impôr-se, acabou por se dissipar ao vento da tempestade que as ambições e os imperialismos exacerbados (políticos, económicos, ideológicos) sopravam sobre o nosso continente.

O pacto germano-russo de 23 de Agosto de 1939 trouxera de novo a Rússia ao convívio da grande política europeia, conferindo-lhe não apenas um lugar de primeiro plano, mas um papel de árbitro capaz de decidir na satisfação dos seus interesses próprios no diferendo suscitado entre o Reich nacional-socialista e as nações ocidentais. Esta resurreição fizera-se com sacrifício evidente das concepções do regime que dominava no Reich e com sacrifício da política externa que o nacional-socialismo invariavelmente preconizara.

A partir desse momento a intervenção russa no conflito desencadeado pela invasão da Polónia passou a fazer-se sentir. Primeiro (entre 1 de Setembro de 1939 e 22 de Junho de 1941) por métodos diplomáticos que se faziam sentir nas zonas de interesses comuns germano-russos (Polónia, Países bálticos, Balcãs) e depois (a partir de 22 de Junho de 1941) de armas na mão. Mesmo quando adoptou uma atitude de neutralidade oficial, a U. R. S. S. fazia sentir o peso da sua influência e dos seus propósitos nacionais próprios nas primeiras fases do conflito. A U. R. S. S. ocupou a parte ocidental da Polónia, sujeitou à sua direcção política a Estó-

nia, a Letónia e a Lituânia, acabando por incorporar estes países no seu território; ocupou uma parte da Finlândia, depois de uma guerra curta em que a sua superioridade militar decidiu da contenda, anexou as províncias romenas da Bessarábia e da Bucovina, estendeu a sua influência política aos países eslavos do sul, a Bulgária e a Jugoslávia, ressuscitando as recordações e os laços históricos que sempre a uniram a esses povos.

VANTAGENS DIPLOMÁTICAS

Passou, assim, sem esforço, a dominar estrategicamente o Báltico, procurando, ao norte, assegurar e consolidar uma fronteira que tornasse a sua zona marítima menos vulnerável aos perigos de uma invasão. A política soviética naquela região da Europa foi, desde o primeiro momento, nitidamente anti-alemã. Só podiam surpreender-se com esse facto os que não conheciam as lições da história que fornecia com abundância, exemplos elucidativos das condições em que sempre terminaram, na luta aberta, as tentativas de aproximação germano-russa.

Nos Balcãs, a influência soviética aumentou imediatamente logo que, livres das preocupações que a guerra com a Finlândia provocara, os soviéticos puderam aplicar-se a transformar em sólidas garantias territoriais as vantagens que a sua diplomacia ia conseguindo em Belgrado e em Sofia, em Bucarest e em Atenas. Essas vantagens, conseguidas numa zona inquietada do continente europeu, visavam, em última análise, a realização de objectivos próprios em detrimento da acção da diplomacia alemã com a qual, nos termos do pacto de 23 de Agosto, a diplomacia russa devia concertar-se.

Em relação à Turquia, que mantinha com os soviéticos uma política tradicional de amizade que remontava à época da luta comum pela independência conduzida contra o bloco franco-ingleses vencedor da conflagração de 1914-18, a U. R. S. S. exerceu uma acção persistente que visava a realização de dois objectivos igualmente valiosos: levar aquêle país a entrar na esfera de influência russa, separando-o das nações ocidentais com as quais celebrara uma aliança em Outubro de 1939, e contrabater em Ankara a diplomacia alemã, representada pelo embaixador Von Papen, ali enviado especialmente para evitar que a Turquia enfileirasse ao lado dos adversários do Reich. Esta orientação entroncava na velha política eslava que visava o domínio dos estreitos que põem em comunicação o Mar Negro com o Mediterrâneo. As precauções tomadas em Ankara explicavam-se pelas recordações do que se passara na última guerra. Essas recordações atenuavam sensivelmente a evocação da amizade que Kemal Atatürk sempre votara à Rússia dos soviéticos.

O PROBLEMA DA SEGURANÇA

A guerra entre o Reich e as nações ocidentais resolveu imediatamente para a U. R. S. S. o problema da sua segurança. Envolvidas a Alemanha, a França e a Grã-Bretanha num conflito cujo desfecho era difícil prever, nenhuma grande potência europeia estava em condições de a atacar. Mas, simultaneamente, a ocupação de uma grande parte da Polónia, numa região desprovida de defesas naturais, criava uma série de problemas que iam pesar avassaladoramente nos destinos dos dois países transitória e reconciliados.

É evidente que sob o ponto de vista russo, a luta entre o Reich e as nações ocidentais devia conduzir ao desgaste recíproco e completo dos dois adversários. Mais do que pela aquisição de novos territórios, o problema fundamental da segurança russa ficaria, assim, automaticamente resolvido pela anulação, por um largo período, dos países que, isoladamente ou ligados, podiam representar uma ameaça ou um perigo para a U. R. S. S. Esta concepção está na origem e explica a génese da assinatura russa no pacto de 23 de Agosto.

Mas a Rússia, uma vez realizada essa operação de política externa, não podia apenas preocupar-se com a realização de uma segurança de circunstância que os acontecimentos futuros viessem a anular. Os seus dirigentes começaram a procurar realizar as condições de uma segurança efectiva e definitiva que pusesse o território soviético ao abrigo de qual-

quer ataque vindo do ocidente. Esse ataque, era a própria evidência, só podia partir do Reich. Nesse sentido toda a política externa dos soviéticos tinha fundamentalmente um significado anti-alemão.

Quer se exercesse nos países do Báltico, na península dos Balcãs ou na Turquia, a actividade da diplomacia soviética era contrária aos interesses e aos propósitos que ditavam as regras inflexíveis de interesse alemão. O choque entre os dois países tinha assim, inevitavelmente, que se produzir. Quando foram reveladas as condições em que, ao longo de dois anos, se desenvolveu a luta surda entre a influência russa e a influência naquelas regiões da Europa, apareceu, mais uma vez, confirmada uma regra histórica que nenhum homem de Estado responsável devia ignorar.

O MOMENTO CRUCIAL

A actividade soviética exerceu-se, decisivamente, no Báltico e nos Balcãs em duas fases distintas. A primeira seguiu-se à derrota da Polónia, a segunda foi a consequência inelutável da derrota da França. Na primeira, a U. R. S. S. ocupou toda a parte oriental do território polaco, concertou com os países bálticos (Estónia, Letónia e Lituânia) os acordos militares que colocavam estes países na sua dependência e alargou a sua influência aos países balcânicos, especialmente à Roménia, à Jugoslávia e à Bulgária. Na segunda a Rússia consolidou aquelas vantagens. Anexou os países bálticos, ocupou a Bessarábia e a Bucovina, províncias incorporadas no território romeno, e aumentou a sua influência nos países balcânicos já referidos.

A derrota da França representa assim, na evolução das relações germano-russas, o momento crucial em que a amizade diplomática oficialmente estabelecida com a celebração do pacto de 23 de Agosto se transforma em hostilidade surda, preparando-se para degenerar em luta aberta.

A máquina militar do Reich, que devia gastar as suas melhores energias a dominar o poder dos seus rivais do ocidente, saíra praticamente intacta dessa provação capital. Tendo feito na Polónia e na França uma campanha rápida com o sacrifício quase exclusivo das suas tropas de especialidade, que pudera refazer no intervalo que medeou entre Dunquerque e a campanha dos Balcãs, o Reich podia lançar todo o peso da sua preparação militar sobre o país no momento que considerasse mais vantajoso. Os cálculos feitos sobre uma possível política de desgaste recíproco a este revelavam-se, assim, errados.

O Reich ganhara a neutralidade soviética para dominar a Polónia e ter uma liberdade de movimentos que lhe permitisse liquidar as suas contas com a França e a Grã-Bretanha; a U. R. S. S. ganhara o tempo indispensável para, perante a rapidez das vitórias alemãs em outros pontos da Europa, intensificar a sua preparação militar para a hipótese de um ataque alemão. Esse ataque desencadeou-se, finalmente, anunciado por muitos sinais precursores de que nos ocuparemos. (Continua)

**MORREM OS DENTES
ADOECEM AS GENGIVAS
nas bocas sem**



PARGIL

(Produto medicinal)

PARGIL, duma fórmula complexa que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação, é um energético microbicida que metódicamente extermina os germes patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara falsamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. **Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.**

NAS FARMACIAS E DROGARIAS

Leite Materno

Não há nada que o substitua e todas as mães devem ter o orgulho de criar os seus filhos ao próprio seio

VITALOSE

Produto insistentemente recomendado pela Classe Médica, produz rápida abundância de leite, mesmo quando este tenha faltado por completo.

GOSTO AGRADABILÍSSIMO. EFEITOS IMEDIATOS.

A venda em todas as Farmácias

Prevenção: Rejeitar imediatamente, por falsificação, toda a embalagem de VITALOSE que não tenha esta etiqueta registada, de garantia:



Figuras da Vida **MUNDIAL**



O marechal Smuts, presidente da União Sul-Africana, que pelos seus altos méritos de homem de Estado e de condutor da guerra, é considerado hoje nos círculos políticos ingleses como a segunda figura do Império Britânico. A sua acção tem sido notável no desenvolvimento das campanhas do norte de África, nas quais as forças sul-africanas de terra e ar têm tido uma influência decisiva. — (Caricatura de Santana)



Nesta página documenta-se a acção militar italiana na campanha da Rússia: as várias armas do exército comandado superiormente pelo general Messe na sua ofensiva contra as tropas soviéticas.



A secção desportiva de Rádio Clube Português tem desenvolvido ultimamente grande actividade. Uma das suas organizações mais interessantes têm sido os passeios mistério de ciclo turismo. No penúltimo domingo teve lugar mais um, que terminou na Lagoa Azul. Nas fotos: uma delegação de Progresso Clube de Mem Martins saúda as senhoras participantes no passeio. Antes do regresso à Parede, os passeantes manifestam a sua satisfação pelo excelente dia que passaram.



Automóveis Citroën S. A. P. R. L., apresentou no seu «Stand» da Avenida Praia de Vitória n.º 9 os 7 modelos de aparelhos de gasogénio «GAZAUTO», 4 para carga, 2 para passageiros e 1 para turismo. (fabricação portuguesa J. Macedo L.ª) que deu as melhores provas desde há 15 anos em França e há mais de 4 anos no nosso país.

Ressalta sobretudo a vantagem de ter um filtro (patente portuguesa de José Ferreirinha) estudado especialmente para os nossos climas e para os nossos carvões com uma grande superfície de filtração e com a extraordinária vantagem de não se empastar pelo facto de se empregarem carvões de grande humidade e simultaneamente oferecer a menor resistência possível à passagem do gás. Outra característica é a tábua fundida, de uma só peça e arrefecimento por ar praticamente insuflável. Desta forma o «Gazauto» tem resolvido as duas dificuldades principais do gasogénio. Todo o cuidado é posto, naturalmente, na montagem do gasogénio, o que representa uma garantia de perfeito funcionamento, para os seus proprietários.

Nas fotos acima, mostram-se dois aspectos da exposição dos gasogénios «Gazauto».



**NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS**

Horas	Estações	m.	Kc/s
8.50 Noticiário	2 RO 4	m. 25.40	Kc/s 11.810
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
12.20 Comunicado Q. G. L.	2 RO 8	m. 16.84	Kc/s 17.820
	2 RO 17	m. 15.31	Kc/s 19.590
14.10 Noticiário	2 RO 7	m. 16.88	Kc/s 17.770
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
22.40 Noticiário	2 RO 11	m. 41.55	Kc/s 7.220
	2 RO 22	m. 25.10	Kc/s 11.950
22.40 Noticiário		Ondas médias	
		m. 221,1	
		m. 263,2	
0.00 Noticiário	2 RO 6	m. 19.61	Kc/s 15.300
	2 RO 18	m. 30.76	Kc/s 9.760
	2 RO 19	m. 29.04	Kc/s 10.330

CONVERSAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

21.20 (Domingo)	m. 25.70	Kc/s 11.695
21.20 (Quarta-feira)	m. 30.52	Kc/s 9.830

PANORAMA INTERNACIONAL

(Continuação da página 9)

ilhas de Salomão; enquanto se repetiam com arrazadora inclemência e objectivos de alto valor, os bombardeamentos da aviação anglo-americana às cidades industriais e aos centros alemães em França aumentavam de frequência e furor, tendo Cordell Hull regeitado algo sacudidamente um protesto de Laval, a quem fez declarar no dia 9 que «as instalações de carácter militar utilizadas pelos alemães na França ocupada serão bombardeadas sempre que para isso haja oportunidade»;— enquanto isto se passava, forças britânicas, aéreas, marítimas e terres-

tres voltavam a atacar os portos de Madagascar, na costa oriental e ocidental, onde efectuaram desembarques. Para tanto se alegou em Londres e em Washington, o seguinte, em termos que é necessário reter:

«Depois da ocupação de Diogo Soares, o governo de Sua Majestade decidiu permitir ao Comando Britânico tomar as medidas como julgasse necessárias para evitar que Madagascar pudesse servir de base às potências do «eixo».

14-9-942.



Traços fisionómicos imperecíveis

Uma semelhança através de meio milénio

Não é so a glória e a arte do grande pintor Nuno Gonçalves que fazem com que os portugueses sejam sempre levados a contemplar os seus dois trípticos da Sé de Lisboa. O pintor representou com grande arte, por volta do ano de 1460, em dois grandes quadros e quatro painéis, a figura de S. Vicente, o velho santo protector da capital, cercado por importantes reis de Portugal, por sábios e navegadores, por cavaleiros e pescadores, por monges e peregrinos. Os portugueses, que hoje contemplam com grande interesse a obra-prima, que possui o seu lugar especial na pintura europeia, ficam surpreendidos perante um dos painéis com figuras do século XV: a cabeça esguia e o rosto nobre de um homem apresentam uma semelhança extraordinária com os traços fisionómicos bem marcados do presidente do ministério Salazar, o estadista de valor a quem Portugal deve o seu novo ressurgimento e a sua posição actual no mundo. O nariz delgado e ligeiramente recurvado, a boca vigorosa, o queixo enérgico e a testa inteligente de onde abruptamente se levanta o cabelo, encontram-se nos dois homens, entre os quais estão cinco séculos — um rosto bem característico.



↑ Uma parte do painel com o homem de feições semelhantes ao Presidente do Conselho, Salazar

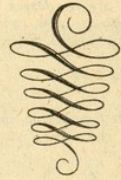
Quatro ilustrações do tríptico duplo de Nuno Gonçalves ↓



Sinal

A revista com mais leitores em toda a Europa publica o n.º 18

À venda desde 15 de Setembro



Distribuidores:

AGENCIA INTERNACIONAL

Rua de S. Nicolau, 119

Lisboa



2.ª parte da crónica «Povos contra trusts» — 100.000 toneladas afundadas — Quatro episódios da frente no Ártico — O afundamento do «Competent» entre os gêlos flutuantes — Como o exército blindado de Rommel destrói os planos bélicos na Downingstreet — Traços fisionómicos imperecíveis (curioso assunto português) e outros artigos interessantes num volume

COM PROFUSAS ILUSTRAÇÕES — Exemplar: Esc. 2\$00
Edição em língua portuguesa

A reprodução que se faz nesta página é do n.º 18 da revista «Sinal».

CALCADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

EXISTE, de facto, uma arte de viver? Admiráveis espíritos têm afirmado que sim. Pela parte que nos toca, queremos vencer-nos que existe. Evidentemente seria exagerado supor que essa arte se reveste, na sua aplicação prática, duma algébrica infalibilidade; mas não custa admitir, bem ao contrário, que ela possa conter determinados princípios cuja essência seja considerada útil para a nossa existência física e espiritual. Permittimo-nos expressar hoje, nesta página, alguns desses princípios, oferecendo-os, aliás com a devida vénia, aos nossos ilustres contemporâneos.

Devemos na vida:

1.º

Pessoalmente: constituir uma individualidade, sem deixar de vestir por um figurino.

2.º

Moralmente: viver com serenidade, encarando a vida sem ardentes entusiasmos, mas sem graves desalentos.

3.º

Religiosamente: respeitar a crença alheia, cultivando, sobretudo, a nossa própria fé.

4.º

Politicamente: ter um Ideal que se não confunda com a aventura, a intolerância ou a ambição.

5.º

Literariamente: pensar e escrever com clara elegância, sem deixar de sorrir com amena filosofia.

6.º

Economicamente: gastar com prudência, mas poupar sem avareza.

ESPIRITO FILOSÓFICO

OS princípios expostos têm naturalmente de completar-se com uma filosofia, e embora haja quem diga que os verdadeiros filósofos são precisamente aqueles que se não preocupam com a filosofia da vida, a verdade é que essa filosofia existe, e convém usá-la — à semelhança duma flor discreta na botoeira do casaco.

OS HOMENS

O maior inimigo do homem é seguramente o próprio homem. Por consequência a mais nobre e a mais útil missão do homem sobre a terra será converter esse inimigo. Se ele for inconvertível e houver de ser aniquilado — nem assim deixemos de o fazer com amável cavalheirismo e profundo respeito.

AS MULHERES

AS mulheres nem são tão más como alguns homens afirmam, nem tão feias como a maioria delas se pinta. De resto, mesmo que fossem feias e más, os homens, por várias razões, não podiam passar sem elas. Encaremo-las, pois, com o nosso melhor sorriso, e perdemos-lhes, sobretudo às bonitas, o mal

UM NOME DE CARTAZ



Há uma página memorável da Era de Queiroz em que elle nos fala dum célebre Pacheco que, nunca tendo dado ao seu país uma obra, uma fundação, um livro, uma ideia, uma criação de arte, era tido, entre nós, como um homem vasto, superior e ilustre. Esse tal Pacheco atravessou a vida por eminências sociais, sorrindo sempre, baixando sempre discretamente os olhos sérios por trás dos óculos dourados, e seguindo sempre para cima, através das instituições, com o seu immenso talento atferrolhado dentro do crânio, como no cofre dum avário. Pois bem. A esse Pacheco balofo, convencional, amorfo, abaulado, mas existente, opomos hoje um outro Pacheco fino, inteligente, arguto, cheio de espirito e de cultura, eminentemente artista dos pés à cabeça, para quem a arte dramática constituiu, não apenas a sua profissão mas a sua devoção e que se chama — Assis Pacheco. — «Era um lindo nome para cónego da Sé, não acha?» — dizia-me, uma vez, certa senhora, falando-me d'ele. É exacto. Mas também é um lindo nome para cartaz. Na verdade, desde a sua estreia, há 16 anos, no D. José da «Severa» até ao seu mais recente papel no «Damúbio Azul», este nome — Assis Pacheco — converteu-se na firma acreditada dum esplêndido artista dramático. Escolhido um belo dia para reger uma cadeira na Escola de Arte de Representar de que foi aluno, bem pode dizer-se que, nesta matéria, fala de cadeira. Conhecemos-lhe apenas dois defeitos que bem possível é que sejam duas qualidades: é um tanto ou quanto orgulhoso — e apanhou, Deus nos defenda, um primeiro prémio no Conservatório...

que nos fazem — pelo bem que nos sabem.

OS ANIMAIS

OS animais têm, além de outras, três qualidades que os tornam credores do nosso respeito: não falam, não se metem em politica e não fazem discursos. Não nos limitemos a admirá-los: sigamos, sob certos aspectos, o seu profundo exemplo; e quando tivermos de os sacrificar, façamo-lo obedecendo ex-

clusivamente às exigências da cozinha, da toilette ou da defesa social.

AS COISAS

AMEMOS as coisas que nos rodeiam. Os que pensam que as coisas não têm alma — enganam-se. Ao contrário do que muitos julgam, as coisas vivem, amam e, quantas vezes, sofrem. Num simples par de botas pode existir um drama...

A NOSSA CASA

A nossa casa, à semelhança do nosso espelho, reflecte-nos. Os nossos sonhos, as nossas preferências, a nossa maneira de ser, a nossa própria interpretação da vida têm, nas quatro paredes da casa que habitamos, o seu retrato nitido. Nós podemos ainda iludir, mais ou menos gloriosamente, o nosso semelhante: a nossa casa não ilude ninguém. Revela-nos em robe-de-chambre.

A «TOILETTE»

A toilette não serve apenas para nos cobrir com maior ou menor elegância: serve também para nos caracterizar. Dêste modo o papel da toilette é immenso. Uma simples gravata define um homem. A toilette constitue uma autêntica força politica. «O que há de mais grave no mundo — já o dizia uma célebre modista do século XVIII — não é a forma dos governos: é a forma dos chapéus». O mesmo poderemos afirmar das casacas, dos smockings, das calças, dos pijamas, etc.

O AMOR

O amor, embora deva considerar-se, gramaticalmente, um substantivo comum, é para cada um de nós, psicologicamente, um substantivo próprio. Cada pessoa ama à sua maneira. Mas o amor, seja uma espécie de poesia dos sentidos — como diz Balzac — seja um simples contacto de duas epidermes — como quer Chamfort — deve encarar-se à semelhança das rosas que escondem os espinhos nos lábios perfumados das suas pétalas.

A DOENÇA

AQUELES que afirmam que a saúde não é senão o estado transitório para a doença, exclamamos que a doença não é senão o estado transitório para a saúde. Tê-nhamos fé na cura dos nossos males; criemos em nós próprios a possível superstição da medicina e da terapêutica; e mesmo que a morte venha, convençamo-nos, em doce beatitude, de que morre nos curados.

C DESPORTO

PRATIQUEMOS higiénicamente o desporto, segundo as nossas tendências. Encontrar o desporto que nos convém, eis tudo. Há exercícios que são, no fundo, exercícios desportivos, embora aparentemente o não pareçam, como a politica, a literatura, o namoro e a digestão. O desporto, ao mesmo tempo mais natural e mais aconselhável, é andar a pé — no corredor da carruagem dum rápido.

DIVERTIMENTOS

O homem tem a obrigação civica de se divertir à êle e à familia — se porventura tiver criado o profundo grémio familiar.

(Conclue na página 22)

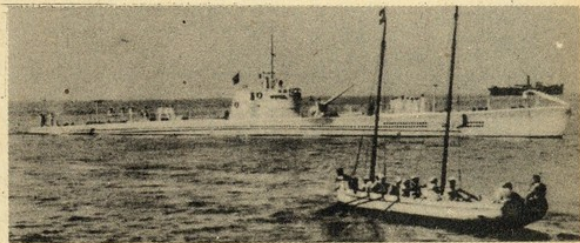
UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

O Brasil em pé

de guerra



Infanteria brasileira em marcha. O Brasil alinha 100.000 homens no activo. As reservas, devidamente treinadas, ascendem a 300.000 homens.



O submarino brasileiro «Tamoyo», de 620 toneladas

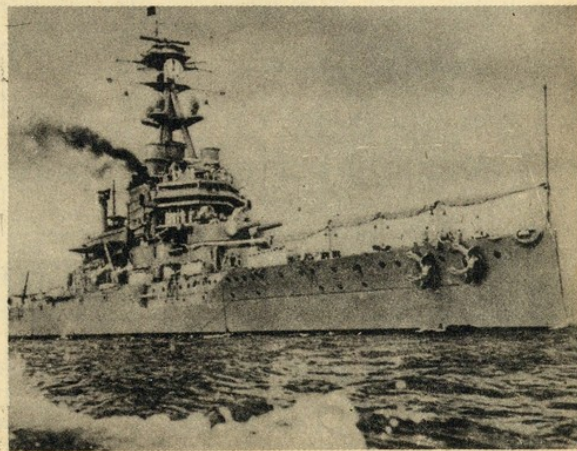
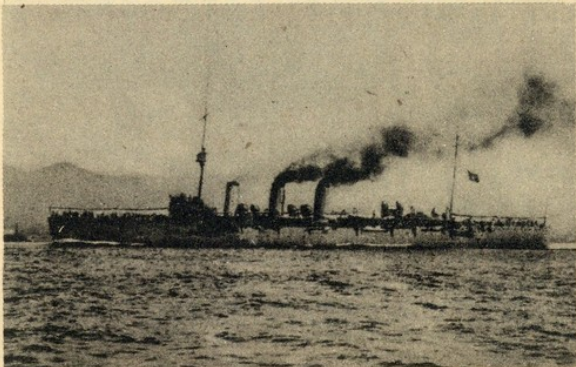
Com a sua declaração de guerra à Alemanha e à Itália, o Brasil juntou-se às Nações Unidas que combatem essas duas potências europeias. Embora a sua situação geográfica, no outro continente, a mantenha afastada de um ataque eminente por parte das forças armadas do «Eixo», a grande nação sul-americana está pondo todos os seus recursos ao serviço do seu esforço de guerra, intensificando as suas medidas de defesa, por forma a preservar o Brasil de um ataque inimigo, no caso de êle se vir a dar. Nas fotos desta página damos, como documentação interessante, alguns aspectos gráficos do potencial militar do país amigo do outro lado do Atlântico.



Na sua frota de guerra, o Brasil conta com vários «destroyers» Alinhados, num dos seus estaleiros, vemos aqui três desses barcos de guerra.



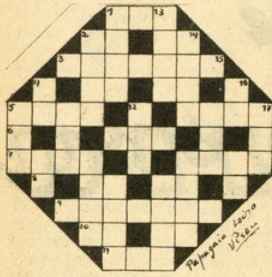
Durante umas manobras, o dr. Getúlio Vargas, Presidente da República, felicita, pelo seu aprumo e conduta militar, alguns dos oficiais do exército brasileiro.



Dois das melhores unidades da esquadra brasileira: o cruzador «Baía», de 3.150 toneladas e o navio de batalha «Minas Gerais».

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 40



HORIZONTAIS: 1 — Brado. 2 — Poeira; Passar. 3 — Admitir. 4 — Sem demora; Outra coisa. 5 — Charneca; Constrói. 6 — Pássaro. 7 — Subir; Pronome demonstrativo. 8 — Eia; Donaire. 9 — Sobrevir. 10 — Abrev. de Senhor; Nome de vogal (pl.). 11 — Época notável. **VERTICAIS:** 1 — Casebre; Picante. 2 — Repugnância; Culpado (pl.). 3 — Rio de Portugal. 4 — Parai; Acolá. 5 — Mula. 12 — Eternidade. 13 — Xarope de marmelo; Fixa dia. 14 — Armadilha para apanhar pássaros; Continuare. 15 — Carneiro. 16 — Preposição; Basta. 17 — Pe-rigo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 38

HORIZONTAIS: 1—Tibi; Rica. 2—Ar; Au. 3—Foco; Grau. 4—Côte; Figo. 5—Elo; Zabra; Mal. 6—Moer; Olga. 7—Penca. 17—Raia; Aras. 18—Véras; Rosal. 19—Orate; Aparo. 20—Em; Si. 21—Sena; Casa. 22—Lan; Até. 23—Asa; Rór.

VERTICAIS: 1—Travo. 3—Fria; Eras. 4—Eco; Birra; Ela. 5—Locaia; Aténas. 6—Motor; Semana. 7—Péz. 8—Era. 10—Cór. 11—Ala. 12—Amiga; Ras-car. 13—Agrura; Opiato. 14—Lôa; Irosa; Ser. 15—Urcá; Aria. 16—Asilo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 39

HORIZONTAIS: 1 — Colada; Amorar. 2 — Aparar; Navega. 3 — Levada; Ama; Atolas. 4 — Aro; Aromático; Ana. 5 — Dará; Apagado. 6 — Orago; Arado; Atora.

7 — Ira; Ola; Uni. 8 — Alaga; Alalé. 9 — Bicota; Acudir. 10 — Aduma; Aliza. 11 — Ala; Apa; Ara. 12 — Amado; Amiba; Arame. 13 — Sêde; Amatara; Aval. 14 — Amo; Ofere-cera; Ira. 15 — Dorido; Aso; One-rar. 16 — Orador; Melada. 17 — Sa-rara; Alamos.

VERTICAIS: 1 — Calado; Asa-dos. 2 — Operar; Memora. 3 — La-vora; Aa; Adorar. 4 — Ara; Agili-dade; Ida. 5 — Dada; Oráculo; Odor. 6 — Arara; Agoma; Afóra. 7 — Opa; Ata; Ame. 8 — Amaro; Amara. 9 — Magala; Apites. 10 — Atada; Abaco. 11 — Ido; Aca; Arc. 12 — Anaco; Ullula; Aroma. 13 — Mato; Anadira; Anel. 14 — Ovo; Utilizara; Ela. 15 — Relato; Era; Aviram. 16 — Agonar; Marado. 17 — Rassara; Ela-ras.

CALÇADA DA GLÓRIA

(Continuação da página 20)

Para isso, o próprio homem criou o teatro, o circo, a dança, a música e a batota, o passeio público e a má-língua, o jogo de cartas e as festas de beneficência. Mas, se cada um de nós não criar «um espectáculo» dentro do seu próprio espirito, o espectáculo alheio não passará, aos nossos olhos, duma grave sonolência académica.

AS MANIÁS

TODOS nós temos as nossas manias. Aquêles que as combatem, pelo argumento ou pela troça, esquecem-se de que elles próprios têm, pelo menos, uma mania: a de combater as nossas. A mania ou manias de cada um constituem afinal traços característicos da sua personalidade. Um homem que não tivesse qualquer mania seria o mais vulgar de todos os loucos.

O DINHEIRO

O dinheiro não constitue a felicidade, diz-se. Não constituirá inteiramente mas é, para a sua constituição, um valioso elemento fiduciário. Não sejamos, porém, demasiado exigentes. Contentemo-nos com o necessário — e deixemos o superfluo aos mais ambiciosos do que nós.

DIA E NOITE...
Os inegaláveis cremes de beleza

Rainha da Hungria
velarão pela Mocidade da sua pele

Elogios... para quê?
Basta dizer que são produtos

M. ME CAMPOS

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
LISBOA — RIO DE JANEIRO

Para casa moderna
Piano moderno

EST. VALENTIM DE CARVALHO
R. Nova do Almada, 97 — LISBOA

VIDA MUNDIAL é um jornal que vale por muitos jornais

UMA GOTA DE «HERPETOL»
e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»
é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), cristas, feridas, erupções, ardências na pele, etc. ATÉ HOJE NUNCA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drogarias
Preço avulso: 11\$00

USE O MATERIAL FOTOGRAFICO

ILFORD

SELO O 20
SELO ORTHO
FILM

CHAPAS // PAPEIS
PELÍCULAS

A venda nos estabelecimentos de artigos fotograficos

ILFORD LIMITED
ILFORD — LONDRES



Rommel em pleno campo de batalha

O general Rommel tem-se revelado, nesta guerra, um dos melhores chefes militares do Reich. A sua campanha do deserto — é indiscutível — tem sido uma notável lição de estratégia militar. Churchill foi o primeiro a reconhecê-lo, prestando-lhe a homenagem devida. Mas Rommel parece haver encontrado agora, do outro lado da «frente», um chefe também valeroso e forte — o general Alexander, esse homem que já por duas vezes, em Dunquerque e na Birmânia, se mostrou capaz, em condições extraordinariamente difíceis, de defender a honra da Inglaterra e salvar da derrota a causa das Nações Unidas. Rommel — que a foto nos mostra em pleno campo de batalha — não tem, ultimamente, com os exércitos de Alexander a barrar-lhe o caminho, logrado o mais pequeno avanço na «frente» egípcia. Virá a consegui-lo, mais tarde ou mais cedo? O tempo o dirá. Mas se o não conseguir, terá cabido, então ao general inglês a glória de ter feito empalidecer a boca «estrela» de um dos mais famosos chefes militares desta guerra, verdadeiro orgulho do génio militar alemão.



Como se passam as férias nas nossas Praaias

Vida
MUNDIAL

Estão a terminar as férias. Estes últimos dias de Setembro, quentes e luminosos, são aproveitados pelos lisboetas para acorrer em multidão às praias humildes da outra banda do Tejo. E, então, é vê-los a praticar o sadio desporto do mar. A natção, a vela... Admire o leitor, por exemplo, este flagrante obtido no último domingo nas águas calmas e claras da Praia do Sol...

(Foto Jorge Garcia)